

Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO MOSTEIRO DE VILAR DE FRADES (BARCELOS)

CAMPANHA DE JULHO A DEZEMBRO DE 2002



RELATÓRIO

Luís de Oliveira Fontes
Ana Alexandra Moreira
Anabela Silva Duarte

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 57, 2016

Ficha Técnica

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**
Edifício dos Congregados - Avenida Central, 100
P 4710-229 Braga

Direção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2016**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço eletrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

Título: TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO MOSTEIRO DE VILAR DE FRADES (BARCELOS). CAMPANHA DE JULHO A DEZEMBRO DE 2002. RELATÓRIO.

Autor: LUÍS DE OLIVEIRA FONTES, ANA ALEXANDRA MOREIRA E ANABELA SILVA DUARTE.



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.57

2016

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO MOSTEIRO DE VILAR DE FRADES (BARCELOS)

CAMPANHA DE JULHO A DEZEMBRO DE 2002

RELATÓRIO

Luís de Oliveira Fontes
Ana Alexandra Moreira
Anabela Silva Duarte

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Os responsáveis da intervenção arqueológica e subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Diretiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

**TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NO MOSTEIRO DE
VILAR DE FRADES (BARCELOS)**

CAMPANHA DE JULHO A DEZEMBRO DE 2002

RELATÓRIO

Luís de Oliveira Fontes

Ana Alexandra Moreira

Anabela Silva Duarte

Instituto Português Do Património Arquitectónico / Direcção Regional do Porto

Vilar de Frades

Março de 2003

ÍNDICE

1. Introdução

2. Objectivos e metodologia de intervenção

3. Resultados

3.1 Sondagem 34

3.1.1 Estruturas

3.1.2 Estratigrafia

3.1.3 Espólio

3.2 Sondagem 41 Prolongamento Este (Prol. Este)

3.2.1 Estruturas

3.2.2 Estratigrafia

3.3.3 Espólio

3.3 Sondagem 43 e 43 A

3.3.1 Estruturas

3.3.2 Estratigrafia

3.3.3 Espólio

4. Conclusões

5. Bibliografia

6. Ilustrações

6.1. Desenhos

6.2. Fotografias

7. Anexos

7.1. Inventário de espólio

7.2. Lista de espólio em tratamento

7.3. Exemplar relatório CD-ROM

7.4. Fotocópias desenhos de campo

1. INTRODUÇÃO

No presente relatório, descrevem-se os resultados proporcionados pelos trabalhos arqueológicos que decorreram entre os meses de Julho a Dezembro de 2002. Trata-se de trabalhos em continuidade, autorizados pelo Instituto Português de Arqueologia através do ofício n.º 10218, ref. S-13829, de 29.NOV.02 e que se inscrevem no projecto de recuperação e reabilitação do Mosteiro de Vilar de Frades, promovido pelo Instituto Português do Património Arquitectónico, Direcção Regional do Porto.

Os trabalhos foram executados por uma equipa dirigida por Ana Moreira (arqueóloga), coadjuvada por Anabela da Silva Duarte (arqueóloga), e que integrava os seguintes elementos: Alexandra Freire (assistente de arqueologia), Cândido Semelhe (técnico de arqueologia) Ana Marlene Barbosa (técnica de arqueologia), André Saraiva (técnico de arqueologia), Emanuel Marques da Lomba (técnico de arqueologia). A coordenação técnica e científica foi do arqueólogo Luís Fernando de Oliveira Fontes (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho).

A documentação produzida (desenhos, fotografia e vídeo) e o espólio, (devidamente inventariado e acondicionado), estão provisoriamente depositados no Mosteiro de Vilar de Frades. As peças metálicas mais sensíveis e interessantes encontram-se provisoriamente no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Braga, para tratamento.

As ilustrações que acompanham este relatório foram tratados por Ana Moreira, Anabela Duarte e Maria Clara Rodrigues (técnica de informática da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho).

Porque se trata de trabalhos em continuidade, dispensamo-nos neste relatório de repetir os elementos de contextualização histórica e as motivações da intervenção promovida pelo IPPAR, que constam dos relatórios anteriores.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

2. OBJECTIVOS E METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO

Os objectivos desta campanha de escavações, determinados por razões de ordem científica e preventiva, eram concluir a identificação da sequência construtiva no canto Sudeste do claustro, onde as campanhas anteriores tinham colocado a descoberto a coroa de estruturas correspondentes a edificações anteriores e verificar a existência de vestígios no interior da 2.^a capela lateral da igreja, no lado da Epístola (a capela das Almas), para informar o projecto de drenagens do edifício. No total escavaram-se três valas/zonas, abrangendo uma área superior a 35 m² (Fig.1 e 2).

Relativamente à metodologia de escavação e registo, mantiveram-se os sistemas de referenciação e os procedimentos utilizados pelas anteriores equipas, a saber: identificação numérica sequencial das valas escavadas e decapagem por camadas naturais, com registo sistemático das estratigrafias e estruturas através de fichas normalizadas, desenhos e fotografias. Na elaboração das matrizes Harris para análise da estratigrafia, utilizou-se o programa ArchEd.

Os materiais recolhidos foram devidamente lavados, inventariados, marcados e acondicionados, fazendo-se uma primeira classificação das cerâmicas por grandes grupos de produção (faiança, cerâmica de construção, cerâmica vermelha, cerâmica preta, cerâmica vidrada). Para integrar o presente relatório seleccionaram-se e fotografaram-se exemplares de diferentes tipos de fabrico e cronologias (Fotos 37 a 72).

O estudo definitivo das produções cerâmicas deverá efectuar-se após conclusão de todos os trabalhos de escavação, pois só então será possível estabelecer tipologias e classificações de modo sistemático, bem como proceder a análises estatísticas de frequência e distribuição.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

3. RESULTADOS

3.1. Sondagem 34 (Fig. 3, 4 e 5)

Nesta ampla vala localizada no topo meridional da galeria nascente do claustro, identificou-se uma complexa sequência construtiva: as paredes de uma nitreira seiscentista, pavimentada com lajes e vazamento para o exterior através de uma abertura no fundo da parede sul, terão adossado a uma edificação preexistente, de cronologia tardomedieval, correspondente aos alicerces de uma parede que prolonga o alinhamento da parede poente da nitreira pelo centro da galeria do claustro actual, este datado dos inícios do século XIX, e cujos alicerces, tal como a canalização de adução de água correlacionada, romperam as estruturas e sedimentações anteriores.

Identificou-se ainda, no lado norte da vala, uma estrutura tipo lajeado, de funcionalidade indeterminada e relação estratigráfica pouco clara.

A estratigrafia associada às estruturas é constituída na sua totalidade por aterros de demolição e de construção, formados por terras de entulhos.

Apresenta-se em seguida uma descrição detalhada das estruturas e estratigrafias identificadas e uma nota sumária relativa ao espólio recolhido.

3.1.1. Estruturas

U.E. [75] – Muro da nitreira

Muro de alvenaria grosseira, de blocos irregulares de granito, com miolo de calhaus e cascalho graníticos ligados por argamassa de cor alaranjada, que também preenche as juntas largas dos paramentos. Mede 80 cm de largura no topo, alargando em profundidade no paramento nascente, resultando uma parede em alambor. Tem orientação Sul/Norte, arrancando da parede Sul, que fecha as galerias do claustro. É cortado a Norte pela estrutura U.E. [35]. A relação estratigráfica e espólio recolhido, a par da técnica construtiva “em alambor”, permitem propor uma cronologia em torno da 1.^a metade do século XVII.

U.E. [72] - Lajeado da Nitreira

Pavimento do fundo da nitreira, formado por lajes não afeiçoadas de grandes dimensões, de forma rectangular, que se dispõe transversalmente em relação às paredes Norte e Sul, com juntas largas preenchidas por terra e pedras. Apresenta algum desgaste, que será resultante da circulação de água. Tem uma orientação Norte/Sul, apresentando um declive bastante acentuado no mesmo sentido, para garantir o vazamento dos dejectos pelo vão de secção quadrada que se abre na base da parede Sul da galeria do claustro. Este lajeado é contemporâneo das paredes da nitreira, atribuindo-se-lhe a mesma cronologia em torno da 1.^a metade do século XVII. O seu abandono remonta às obras de reconstrução do claustro realizadas nos inícios do século XIX (Vinhas 1998,107 e 235).

U.E. [35] - Canalização

Estrutura de adução de água formada por duas paredes paralelas, em alvenaria de blocos graníticos, cascalho e argamassa esbranquiçada, dispostas no sentido Este/Oeste. As paredes assentam sobre um lajeado de granito, que forma o leito da canalização. Conserva-se parte da cobertura, formada por grandes lajes de granito dispostas transversalmente, que no lado poente se imbricam no alicerce das arcarias do claustro de Oitocentos. De secção quadrada, com 40 cm de lado, esta canalização poderá ter sido construída para reencaminhar a água que na edificação anterior servia a nitreira. A construção desta canalização é coeva da reconstrução do claustro no século XIX (Vinhas 1998,107 e 235).

U.E. [54] – Muro tardomedieval

Muro de alvenaria grosseira, de calhaus e cascalho graníticos, com miolo de terra e pedra miúda. Mede aproximadamente 80 cm de largura. Assenta em alicerce de alvenaria ciclópica, mais largo que a parede cerca de 20 cm para cada lado. É cortado a Norte pelo lajeado U.E.[73] e a Sul pela canalização U.E.[35]. Tem orientação Sul/Norte, no enfiamento do muro da nitreira. É a estrutura mais antiga identificada nesta vala, podendo propor-se, com base na relação estratigráfica e no espólio, uma cronologia tardomedieval.

U.E.[73] - Lajeado / Alinhamento

Estrutura constituída por grandes blocos graníticos de forma rectangular, formando um alinhamento com orientação Este-Oeste que ocupa toda a largura da galeria do claustro. Este alinhamento cortou o muro tardomedieval (U.E.54). Assenta directamente no solo base. A relação estratigráfica e o espólio recolhido sugerem uma cronologia entre os séculos XVII-XVIII.

U.E.[65] - Alicerces das arcarias do claustro

Alicerce de alvenaria grosseira de blocos de granito de dimensões variáveis, ligados por terra e argamassa esbranquiçada. O alicerce é mais largo que o embasamento das colunas do claustro, rompendo todas as estruturas e sedimentos anteriores até à rocha, que foi recortada para o seu assentamento. Esta reconstrução do claustro está documentalmente datada dos primeiros anos do século XIX (Vinhas 1998,107 e 235).

U.E.[74] – Alicerces das paredes do claustro

Paredes de alvenaria constituídas por blocos graníticos de grande e médio porte de forma rectangular, de juntas largas, de terra e cascalho miúdo. Revelam fases construtivas distintas. A parte inferior da parede Este, no lado sul, apresenta um aparelho grosseiro formado por pedras de tamanho variável, com juntas largas de cascalho e terra, em alambor, correspondente à construção da niteira – séc. XVII (?); no lado norte o aparelho da parte inferior é menos cuidado, quase ciclópico, com argamassa esbranquiçada, com o alicerce a formar um ressalto saliente, sobre o qual se eleva a parede, que aqui incorpora blocos graníticos reaproveitados, dispostos em fiadas mais regulares – este troço parece todo já da reconstrução de inícios do século XIX. Cerca de meados do século XX, por iniciativa da DGEMN, o alicerce da parede nascente foi parcialmente revestido com cimento, com o objectivo de evitar a infiltração de humidade.

3.1.2. Estratigrafia

nota prévia: as U.E. 1 a 9 correspondem à escavação iniciada na campanha de 2001. Com a retoma dos trabalhos em 2002 decidiu-se continuar com a U.E.10.

U.E. [10] Camada de terra fina, pouco compacta, coloração predominantemente castanha heterogénea com pedras de pequeno e médio porte à mistura. Presença de alguns carvões e pequenos veios de argamassa.

U.E. [11] Camada de terra fina, pouco compacta, de coloração castanha heterogénea com muitos veios de argamassa à mistura. Presença de algumas pedras de pequeno e médio porte. Alguns carvões à mistura.

U.E. [12] Camada de terra de cor avermelhada, argilosa, muito compacta e homogénea. Incorpora pedras de granito de pequeno e médio porte.

U.E. [13] Camada de terra fina, desagregada, coloração predominantemente castanha acinzentada com muitos pontos de carvão à mistura.

U.E. [14] Camada de terra fina, muito compacta, coloração castanha heterogénea, com nódulos de argila. Piso de terra (?).

U.E. [15] Camada de terra fina, pouco compacta, de cor castanha heterogénea, com muitos nódulos de argamassa e argila à mistura. Algumas manchas de saibro.

U.E. [16] Camada de terra de cor castanha, com bastantes carvões e cinzas à mistura. Tem pedras de granito de pequeno e médio porte.

U.E. [17] Camada de terra fina, pouco compacta, coloração predominantemente castanha homogénea, com alguns pontos de saibro e carvões à mistura.

U.E. [18] Camada de cor castanha escura, heterogénea, com bastantes calhaus de pequeno e médio porte.

U.E. [19] Camada de argila, compacta, coloração predominantemente castanha clara, com pequenos pontos de carvão à mistura (miolo de muro?).

U.E. [20] Camada de terra fina, desagregada, coloração castanha, homogénea, com alguns pontos de carvão à mistura.

U.E. [21] Camada de coloração castanha clara, com nódulos de argila alaranjada, com elementos graníticos de pequeno porte.

U.E.. [22] Camada de terra arenosa de coloração castanha clara, com elementos graníticos de pequeno porte.

U.E. [23] Camada de terra fina, compacta, coloração predominantemente castanha acinzentada, com alguns pontos de argamassa à mistura. Um ou outro ponto de carvão.

U.E. [24] Camada de terra fina, compacta, coloração predominantemente castanha escura, com muitos pontos de carvão à mistura.

U.E. [25] Camada de terra de coloração laranja, muito argilosa e compacta, com nódulos de argamassa. Incorpora bastantes calhaus de grande, pequeno e médio porte.

U.E. [26] Camada de terra de coloração castanha com nódulos de argila de cor amarela, muito compacta. Grande quantidade de areia de grão fino.

U.E. [27] Camada de terra castanha, heterogénea, com alguns pontos de argila e carvões à mistura. Constituída por cascalho de pequeno e médio porte (vala de fundação do alicerce dos pilares).

U.E. [28] Camada de terra fina de cor castanha acinzentada, com muitos pontos de argila e argamassa à mistura, com inclusões de pontos de carvão.

U.E. [29] Camada de coloração amarela, com grão muito fino, sem espólio arqueológico. Presença de granito de pequeno e médio porte.

U.E. [30] Camada de terra castanha, heterogénea, com bastante argamassa à mistura, telha e tijolo. Presença de granito de pequeno e médio porte.

U.E. [31] Camada de terra fina, coloração predominantemente castanha, com muitos pontos de argila e argamassa à mistura. Um ou outro ponto de carvão.

U.E. [32] Lentícula de terra fina, bastante desagregada e heterogénea, de cor castanha escura, com alguns pontos de argila e carvões à mistura.

U.E. [33] Camada de coloração castanha escura, com bastantes calhaus de médio e grande porte. Camada de enchimento da canalização.

U.E. [34] Camada de terra de coloração castanha clara, com grãos de areia muito fina (passagem de água). Presença de calhaus de pequeno e médio porte (interior da canalização).

U.E. [36] Camada de terra de coloração castanha, com elementos graníticos de pequeno porte, pouco espólio arqueológico.

U.E. [37] Camada de terra fina de coloração castanha muito escura.

U.E. [38] Camada de terra de coloração acinzentada, com bastantes carvões e nódulos de ferro em decomposição. Camada muito compacta, argilosa e com pouco espólio arqueológico.

U.E. [39] Camada de terra de coloração castanha com bastantes seixos à mistura e areia de grão muito grosso.

U.E. [40] Camada de terra fina, compacta, coloração predominantemente castanha, com alguns pontos de carvão à mistura e pequenos pontos de argila.

U.E. [41] Camada de terra fina, compacta, coloração predominantemente castanha, com pequenas partículas de argamassa (vala de fundação dos pilares).

U.E. [42] Camada de terra fina, pouco compacta, coloração predominantemente castanha, com alguns pontos de carvão à mistura. Presença de elementos líticos de pequeno e médio porte. Algumas inclusões de saibro (camada de entulho).

U.E. [43] Camada de terra fina, pouco compacta, coloração predominantemente castanha escura, com alguns pontos de carvão à mistura. Presença de muita areia.

U.E. [44] Derrube de muro - limpeza.

U.E. [45] Camada de limpeza de derrube do muro. Terra fina, desagregada, coloração castanha heterogénea, constituída por pedras de pequeno e médio porte. Alguns pontos de argila e argamassa.

U.E. [46] Igual à UE 19 (miolo de muro).

U.E. [47] Terra fina, muito compacta. Coloração castanha, heterogénea, com muitos pontos de argamassa à mistura (vala de fundação do alicerce do alçado Este).

U.E. [48] Camada de terra fina, muito desagregada, coloração predominantemente castanha com muitos grãos de areia à mistura.

U.E. [49] Camada de terra fina, desagregada, coloração castanha com muitos grãos de areia à mistura. Alguns seixos de pequeno e médio porte.

U.E. [50] Limpeza da argamassa para definir melhor a estrutura existente (canalização).

U.E. [51] Camada de terra de coloração castanha, com bastante argamassa, areia de grão grosso, argila avermelhada. Camada constituída por elementos graníticos de pequeno, médio e grande porte, com grande concentração de tijolo.

U.E. [53] Camada de terra fina, compacta, coloração predominantemente castanha muito escura, com alguns pontos de carvão à mistura. Presença de alguns seixos.

U.E [55] Igual à UE (51).

U.E. [56] Camada de terra fina, desagregada, coloração castanha escura, bastante arenosa. Alguns pontos de argila à mistura.

U.E. [57] Camada de terra de cor alaranjada com inclusões de terra castanha, com grão fino.

U.E. [58] Camada de pedras graníticas de médio porte.

U.E. [59] Camada de terra de coloração castanha. Com bastantes pedras de tamanho médio e grande.

U.E. [60] Vala de fundação.

U.E. [61] Camada de terra, de coloração castanha escura, de grão fino, com bastantes pedras de grande e médio porte.

U.E. [62] Vala de fundação do alicerce das arcadas. Terra de cor castanha clara de enchimento.

U.E. [63] Camada de cor castanha escura, com bastante argamassa e alguns nódulos de argila. Camada constituída por alguns seixos e granitos de pequeno, médio e grande porte.

U.E. [64] Igual à UE [41].

U.E. [66] Camada de terra castanha clara, com muito granito à mistura de grande e médio porte.

U.E. [67] Camada de terra de cor castanha escura, húmida, arenosa, com alguns carvões à mistura.

U.E. [68] Interface da vala de alicerce das arcadas.

U.E. [69] Camada de terra de cor castanha escura, desagregada, com nódulos de argamassa à mistura.

U.E. [70] Camada de terra de coloração castanha clara, com areia de grão fino à mistura. Presença de bastantes elementos graníticos de pequeno e médio porte.

U.E. [71] Camada de terra fina, pouco compacta, coloração predominantemente castanha, constituída por grãos de areia grossa. Alguns pontos de argamassa à mistura.

3.1.3 Espólio

Nesta zona recolheu-se espólio diversificado, que se inventaria nos anexos 7.1. e 7.2. No conjunto releva o espólio cerâmico, com mais de 2500 fragmentos. A grande fragmentação da cerâmica é, aliás, uma característica concordante com a circunstância de provir de camadas de aterro e de estas, por sua vez, respeitarem a processos construtivos de várias épocas.

Predominam os fabricos de louça vermelha, com mais de 1500 fragmentos, depois a louça preta e por fim, sensivelmente com a mesma quantidade relativa, a faiança e os vidrados de chumbo.

Os fabricos identificados correlacionam-se com as diversas estruturas e sedimentações encontradas, distinguindo-se produções tardomedievais, com paralelos nos grupos da Rua de Nossa Senhora do Leite, em Braga (Gaspar 1985) e produções modernas compreendidas entre os séculos XVI e XVIII, para as quais se encontram paralelos nos conjuntos cerâmicos provenientes dos mosteiros de Santa Maria de Bouro (Amares), São Martinho de Tibães (Braga), Santo André de Rendufe (Amares), São João de Tarouca (Lamego) e Casa do Infante (Porto) (Barreira, Dordio e Teixeira 1998; Fontes 2000; e Sebastián 2002).

Entre diversas formas de pratos, tigelas, potes, púcaros, alguidares e cântaros, algumas das quais quase completas, destaque-se uma pequena peça cuja funcionalidade se desconhece, de forma octogonal, com decoração interior geométrica, em baixo-relevo, (foto 57).

Entre o espólio não cerâmico refira-se a mais de uma centena de pregos de ferro, alguns botões metálicos e o braço esquerdo de uma estatueta de Cristo, em bronze (peças em tratamento no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Braga).

3.2. Sondagem 41 (prolongamento Este) (Fig. 6, 7 e 8)

Esta pequena zona corresponde à extensão da escavação da Sondagem 41, na banda sudeste do jardim do claustro, com o objectivo de estender a leitura da relação estratigráfica até às fundações do claustro dos inícios do século XIX.

Para além de se evidenciarem os alicerces do claustro, profundamente implantados na rocha, que foi escavada para o efeito, colocou-se a descoberto parte do sistema associado de drenagem das águas pluviais e ainda os restos de uma outra estrutura, de época anterior, que poderá correlacionar-se com a edificação tardomedieval.

A estratigrafia associada às estruturas é constituída na sua totalidade por aterros de construção, formados por terras de entulhos. A seguir descrevem-se as estruturas identificadas e referem-se as principais características do espólio recolhido.

3.2.1. Estruturas

U.E. [1] - Lajeado do jardim do claustro

Lajeado perimetral do jardim do claustro (entre as arcarias e o muro do jardim), constituído por grandes lajes graníticas de esquadria irregular, com juntas largas preenchidas com terra e cascalho granítico. Encostam ao embasamento dos arcos do claustro, no sentido Norte / Sul, integrando no limite da zona escavada uma laje correspondente à tampa da caixa de recepção de águas pluviais que serviria o claustro (ver a seguir U.E.30).

U.E. [30] – Canalização de drenagem do claustro

nota: manteve-se para esta estrutura a numeração de U.E. atribuída na campanha de 2001.

Caixa pétreia de recepção de águas pluviais, cuja tampa, com depressão central perfurada, integra o lajeado perimetral do jardim do claustro (ver acima UE.1). Formada por blocos graníticos afeiçoados, esta caixa, de secção quadrada, desenvolve-se verticalmente até uma profundidade de cerca de 80

centímetros, despejando para uma aqueduto formado por duas paredes paralelas com cobertura de lajes graníticas, que se prolonga para Sul encaixado na rocha base. Esta estrutura é coeva da reconstrução do claustro iniciada nos primeiros anos do século XIX.

U.E. [15] – Alicerce da arcaria do claustro

Alicerce de alvenaria grosseira de blocos de granito de dimensões variáveis, ligados por terra e argamassa esbranquiçada. O alicerce é mais largo que o embasamento das colunas do claustro, rompendo todas as estruturas e sedimentos anteriores até à rocha, que foi recortada para o seu assentamento. Esta reconstrução do claustro está documentalmente datada dos primeiros anos do século XIX (Vinhas 1998,107 e 235).

U.E. [6] – Caleira de drenagem provisória do claustro

Aqueduto formado por dois alinhamentos paralelos de blocos graníticos dispostos em fiada única no sentido Norte / Sul, sob o lajeado perimetral do claustro acima descrito (UE.1). As juntas entre os blocos são preenchidas por terra e cascalho. O leito do aqueduto é de terra. Interpreta-se esta estrutura como aqueduto provisório de encaminhamento das águas pluviais do claustro que serviu até à construção da drenagem definitiva (UE.30).

U.E. [14] – Estrutura tardomedieval

Estrutura constituída por grandes blocos graníticos de forma rectangular, dispostos transversalmente em relação às arcadas Este das galerias do claustro. Este alinhamento assenta directamente no solo base e poderá estar relacionado com a estrutura D da sondagem 34.

A relação estratigráfica e o espólio recolhido permitem estabelecer uma cronologia aproximada ao século XVII-XVIII.

3.2.2. Estratigrafia

U.E. [0] Camada de terra vegetal, de cor castanha escura.

UE [2] Leito de assentamento do lajeado (UE.1), formado por terra de cor castanha, de grão fino e pedras de médio porte.

UE [3] Camada de terra de cor castanha, com nódulos de argamassa amarelada e pequenas pedras à mistura.

UE [4] Camada de terra castanha clara, com muitos nódulos de argila e muitas pedras de pequeno e médio porte.

UE [5] Enchimento da vala de drenagem de águas pluviais (UE.6). Terra solta de coloração castanha escura, com grão fino.

UE [7] Camada de terra de cor castanha escura com pedras de pequeno e médio porte (camada de assentamento da conduta?).

UE [8] Camada de terra castanha, constituída por argila, argamassa e saibro. Presença de pedras de pequeno e médio porte.

UE [9] Camada constituída por pedras e um tijolo, alinhados em círculo (?).

UE [10] Camada de terra de cor castanha escura com nódulos de argila e argamassa.

UE [11] Camada de terra de cor castanha clara, com bastantes nódulos de argila alaranjada. Presença de pedras de pequeno e médio porte.

UE [12] Camada de terra de cor castanha escura, desagregada, de grão fino, (enchimento da caixa de água – UE.30).

UE [13] Camada de terra fina, desagregada, coloração predominantemente castanha amarelada, com algumas areias à mistura. Um ou outro ponto de carvão. Alguns nódulos de argamassa.

3.2.3. Espólio

Tal como em S.34, nesta zona recolheu-se espólio diversificado, que se inventaria nos anexos 7.1. e 7.2. Apresenta características tipológicas semelhantes ao espólio recolhido naquela zona, diferindo apenas nas quantidades globais e percentagens relativas de cada grupo de fabricos.

Entre os mais de 500 fragmentos, quase metade é de cerâmica vermelha, repartindo-se os restantes pelos fabricos vidrados plumbíferos e faianças, sendo a cerâmica preta, com apenas 31 fragmentos, pouco expressiva.

Quanto às cronologias, também aqui se registam produções tardomedievais e modernas semelhantes às referenciadas para a Sondagem 34.

3.3. - Sondagem 43 / 43 A (Fig. 9, 10, 11, 12, 13 e 14)

Esta zona corresponde ao interior da capela das Almas (lado da Epístola, 2.^a a contar do transepto), que se escavou com o objectivo de confirmar se existiam ruínas de edificações anteriores na banda sul da igreja e, em caso afirmativo, qual a relação estratigráfica com as ruínas descobertas no claustro.

Para além de se evidenciarem os alicerces da capela seiscentista, assentes directamente na rocha base, colocou-se a descoberto parte do embasamento do alicerce de uma parede, que se interpreta como correspondente à abside lateral Norte da cabeceira da igreja medieval. O recorte feito na rocha para a sua implantação desenha uma forma facetada, apontando para uma planimetria de cabeceira pouco comum, mas não inusual.

À escavação desta zona associamos a análise estratigráfica dos alçados interiores da capela, estabelecendo-se a sequência das diversas acções construtivas patenteadas pelos distintos aparelhos e revestimentos.

A estratigrafia associada às estruturas é constituída na sua totalidade por aterros de construção, formados por terras de entulhos. A seguir descrevem-se as estruturas identificadas e referem-se as principais características do espólio recolhido.

Uma última nota para referir que se escavou primeiro a metade setentrional da capela, atribuindo-lhe a designação Sondagem 43 e depois a metade meridional, que recebeu a designação Sondagem 43A. A estratigrafia foi referenciada a cada uma dessas sub-zonas, descrevendo-se por isso separadamente.

3.3.1. Estruturas

U.E. [1] de Sondagem 43A – Pavimento lajeado da capela

Pavimento de lajes rectangulares de granito de grande porte, bem esquadriadas, dispostas em fiadas regulares desenhando um padrão em espinha. As lajes assentavam numa camada térrea de preparação, com cascalho de nivelamento. Constitui o pavimento da capela que se organiza em dois níveis: o mais elevado serve o altar e o inferior a circulação entre as capelas. A separação é marcada por um degrau, em papo de rola. Este pavimento será contemporâneo da colocação dos azulejos (1736).

U.E. [11] de Sondagem 43 – Embasamento de alicerce de abside medieval

Alinhamento de grandes blocos graníticos de forma sub-rectangular, com juntas preenchidas com terra e pedras. Os blocos não são afeiçoados e assentam directamente na rocha base, que foi recortada para os receber. Este recorte desenha uma forma poligonal, que parece configurar a forma de uma abside facetada, de que se conhecem paralelos em algumas igrejas monásticas (por exemplo, Abadia Velha de Tarouca). Considerando a relação estratigráfica e a sua configuração propõe-se para esta estrutura, que interpretamos como embasamento de um alicerce, uma cronologia medieval, admitindo-se que possa corresponder à abside norte da cabeceira medieval da igreja de Vilar de Frades.

U.E. [12] de Sondagem 43 – Muro de contenção do arco da capela

Murete de alvenaria grosseira de calhaus e cascalho graníticos com miolo e juntas largas preenchidas com argamassa e cascalho miúdo. Trata-se do muro de reforço estrutural que une os pilares do arco da capela. Terá sido construído conjuntamente com o arco da capela no decorrer do primeiro quartel do século XVII (Vinhas 1998, 148 e 153).

U.E. [10, 14, 15, 16, 17 e 18] de Sondagem 43A – Paredes da capela

As paredes da capela são de alvenaria granítica (UE.14), incorporando blocos de grandes dimensões, calhaus e pedras mais pequenas, montadas de forma irregular com juntas largas preenchidas com argamassa de cor esbranquiçada e cascalho. Incorpora ainda elementos arquitectónicos reaproveitados, designadamente fragmentos de soleira, ombreira, aduela e uma imposta com restos de fresco. Apresentam diversas fissuras verticais oblíquas, que chegam a estender-se do topo ao alicerce. Estão assentes num alicerce de alvenaria grosseira, com blocos de tamanho variável, com juntas largas preenchidas por argamassa de cor esbranquiçada desenvolvendo-se irregularmente em ressalto. Assenta directamente na rocha base, que foi parcialmente recortada (UE.10). As paredes estão revestidas por rebocos de argamassas de diferentes espessuras e tonalidades (UE.16 e 17), sendo que nas duas paredes laterais recebem painéis historiados de azulejos de cor azul e branca, o de nascente com a inscrição “*Romeu Antunes o fes em Lix. no anno de 1736*” e o de poente “*Nicolau de Freitas, o pintou*” (UE.18). A circulação entre as capelas faz-se actualmente por portas no lado da nave, mas o projecto inicial comportava portas do lado da parede meridional, portas essas que foram fechadas com alvenaria (UE.15) e parcialmente recobertas pelos painéis de azulejo.

3.3.2. Estratigrafia

Sondagem 43

U.E. [0] Leito de assentamento de lajeado (UE.1 de S43A). Camada de terra fina, pouco compacta, de coloração predominantemente castanha escura, heterogénea e desagregada, com algumas manchas de saibro. Incorpora cascalho granítico.

U.E. [1] Camada de saibro (enchimento de vala para colocação de tubos de electricidade). Pouco consistente.

U.E. [2] Camada de terra de coloração castanha clara, muito compacta, com nódulos de argila e argamassa.

U.E. [3] Camada de cimento, para selagem da vala de fios eléctricos.

U.E. [4] Camada de terra de coloração amarela, com bastantes nódulos de argamassa e argila de coloração amarelada. Piso de obra ?

U.E. [5] Camada de terra de coloração castanha com alguns elementos de argamassa à mistura.

U.E. [6] Camada de terra de coloração laranja, muito argilosa e com bastantes elementos de argamassa.

U.E. [7] Camada de terra de cor castanha com saibro à mistura, abundantes pedras de pequeno e médio porte.

U.E. [8] Camada de terra de cor castanha escura com nódulos de argila, argamassa e carvões.

U.E. [9] Camada de terra de coloração castanha escura alaranjada, muito compacta, argilosa e homogénea.

U.E. [10] Camada de terra de cor castanha , com nódulos de argila, alguns seixos e grãos muito finos de areia. Corresponde ao enchimento da vala de fundação da estrutura UE.11.

Sondagem 43 A

U.E. [2] Corresponde à U.E.0 da Sondagem 43.

U.E. [3] Variação acastanhada da anterior, também correspondente à U.E.0 da Sondagem 43.

U.E. [4] Corresponde à U.E.1 da Sondagem 43.

U.E. [5] Corresponde à U.E.5 da Sondagem 43.

U.E [6] Corresponde à U.E.4 da Sondagem 43.

U.E. [7] Camada de argila de coloração laranja escura, alguns carvões e argamassa (enchimento de alicerce ?).

U.E. [8] Camada de terra de cor castanho claro, homogénea, com pedras de pequeno e médio porte (corresponde ao enchimento da vala do alicerce moderno).

U.E. [9] Interface correspondente ao recorte da vala de fundação.

U.E. [11] Corresponde à U.E.8 da Sondagem 43.

U.E. [12] Camada constituída por bastantes pedras de pequeno e médio porte, com nódulos de saibro e terra castanha.

U.E. [13] Camada de terra fina, de coloração castanha, desagregada, com alguns nódulos de argila e carvões. Camada constituída por grãos finos de areia, seixos e pedras de pequeno e médio porte.

3.3.3.- Espólio

Também aqui se recolheu espólio diversificado, que se inventaria nos anexos 7.1. e 7.2. As características tipológicas e respectivas cronologias não diferem dos materiais recolhidos nas outras zonas, registando-se variações apenas nas quantidades globais e percentagens relativas de cada grupo de fabricos.

Entre os pouco mais de 450 fragmentos, predominam os de cerâmica vermelha, aparecendo em seguida a cerâmica preta, com menos de meia centena de fragmentos e quase sem expressão a faiança e a vidrada plumbífera, respectivamente com 20 e 11 fragmentos.

Destaque ainda para 4 moedas, de tipologia medieval, que se encontram para limpeza para poderem ser classificadas.

4. CONCLUSÕES

Os objectivos definidos no início da campanha de trabalhos arqueológicos foram integralmente atingidos. Em todas as zonas se concluíram as decapagens e correspondentes registos, obtendo-se dados que permitem interpretar os restos arqueológicos encontrados e, a partir dessa interpretação, definir com clareza as áreas a intervencionar com vista a esclarecer a sua contextualização no quadro da evolução arquitectónica do edificado.

No conjunto dos resultados, consideramos importante a identificação da niteira no topo meridional da galeria nascente do claustro, uma estrutura cuja implantação permite delinear com mais detalhe a planta do edificado preexistente à grande reconstrução do claustro iniciada nos primeiros anos do século XIX, e consideramos de grande relevância o achado do alicerce medieval no interior da capela (Sondagem 43/43A), achado cuja interpretação como alicerce da capela lateral da cabeceira da igreja medieval sustentou a elaboração de uma hipótese de planimetria medieval que, a confirmar-se, constituirá um significativo contributo para o conhecimento da evolução arquitectónica do mosteiro de Vilar de Frades (Fig. 15).

Face aos resultados obtidos, considera-se importante escavar no interior da ala nascente (sacristia e adega) e na metade setentrional do jardim do claustro, bem como desenhar o alçado inferior da galeria nascente do claustro, para análise dos paramentos.

Do ponto de vista da informação às valências de arquitectura e engenharia, considera-se que as ruínas descobertas não possuem qualquer valor de singularidade e monumentalidade, nem de exemplaridade técnica, que justifiquem a sua conservação a descoberto e conseqüente valorização arquitectónica, e não constituem qualquer impedimento absoluto às soluções de drenagem e de encaminhamento de cabos e tubagens, sendo recomendável que as soluções evitem o atravessamento de estruturas.

Algumas das peças cerâmicas e metálicas achadas nas escavações constituem peças interessantes do ponto de vista museológico, podendo vir a enriquecer um eventual centro de interpretação do monumento.

Braga e Vilar de Frades, Março de 2003.

Luis Fernando de Oliveira Fontes

Ana Alexandra Moreira

Anabela Silva Duarte

5. BIBLIOGRAFIA

BARREIRA, DORDIO E TEIXEIRA (1998), Paulo e Ricardo - Peças de louça preta decoradas com moscovite encontradas nas escavações arqueológicas do mosteiro de S. Martinho de Tibães, *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, (Tondela, 1995), Câmara Municipal de Tondela, Tondela, pp.355-363.

CASTRO e SEBASTIAN (2002), Ana Sampaio e Luis – Mosteiro de São João de Tarouca: 700 anos de história da cerâmica, *Património. Estudos*, 3, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, pp.165-177.

FONTES (2000), Luis Fernando de Oliveira - Mosteiro de Santa Maria de Bouro - Amares: aproximação arqueológica à evolução arquitectónica do edificado pós-medieval, in *Cister: Espaços, Territórios, Paisagens*, (Actas Colóquio Internacional, 16-20 Junho 1998, Mosteiro de Alcobaça), Ministério da Cultura / Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, pp.527-544, (separata).

GASPAR (1985), Alexandra - Escavações Arqueológicas na Rua de N.ª. S.ª. do Leite, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, Unidade Arqueologia/Museu D. Diogo de Sousa, Braga, pp.51-125.

VINHAS (1998), Joaquim Alves – A Igreja e o Convento de Vilar de Frades. Das Origens da Congregação dos Cónegos Seculares de São João Evangelista (Lóios) à Extinção do Convento. 1425-1834., Junta de Freguesia de Areias de Vilar, Barcelos.

6 – ILUSTRAÇÕES

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

6.1 – Desenhos

Fig. 1 – Planta do mosteiro de Vilar de Frades com localização das zonas escavadas.

Fig. 2 – Planta do mosteiro de Vilar de Frades com plano de conjunto das estruturas detectadas.

Fig. 3 – Sondagem 34. Plano final das estruturas detectadas.

Fig. 4 – Sondagem 34. Alçados das estruturas detectadas.

Fig. 5 – Sondagem 34. Diagrama “Harris” da sequência estratigráfica.

Fig. 6 – Sondagem 41 (prolongamento Este). Plano final das estruturas detectadas.

Fig. 7 – Sondagem 41 (prolongamento Este). Leitura estratigráfica do perfil Norte.

Fig. 8 – Sondagem 41 (prolongamento Este). Diagrama “Harris” da sequência estratigráfica.

Fig. 9 – Sondagem 43/43A. Plano final das estruturas detectadas.

Fig. 10 – Sondagem 43/43A. Leitura estratigráfica do corte AA’.

Fig. 11 – Sondagem 43/43A. Leitura estratigráfica do alçado Este da capela.

Fig. 12 – Sondagem 43/43A. Leitura estratigráfica do alçado Sul da capela.

Fig. 13 – Sondagem 43/43A. Leitura estratigráfica do alçado Oeste da capela.

Fig. 14 – Sondagem 43/43A. Diagrama “Harris” da sequência estratigráfica.

Fig. 15 – Planta do mosteiro de Vilar de Frades com projecção do traçado hipotético da igreja medieval.



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

Mosteiro de Vilar de Frades
Campanha arqueológica 2002
Localização das zonas escavadas

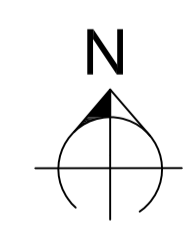
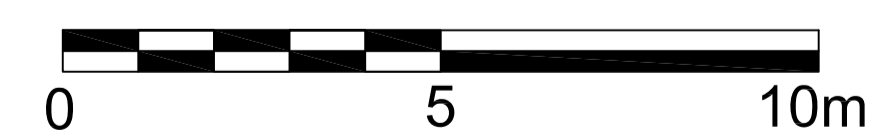
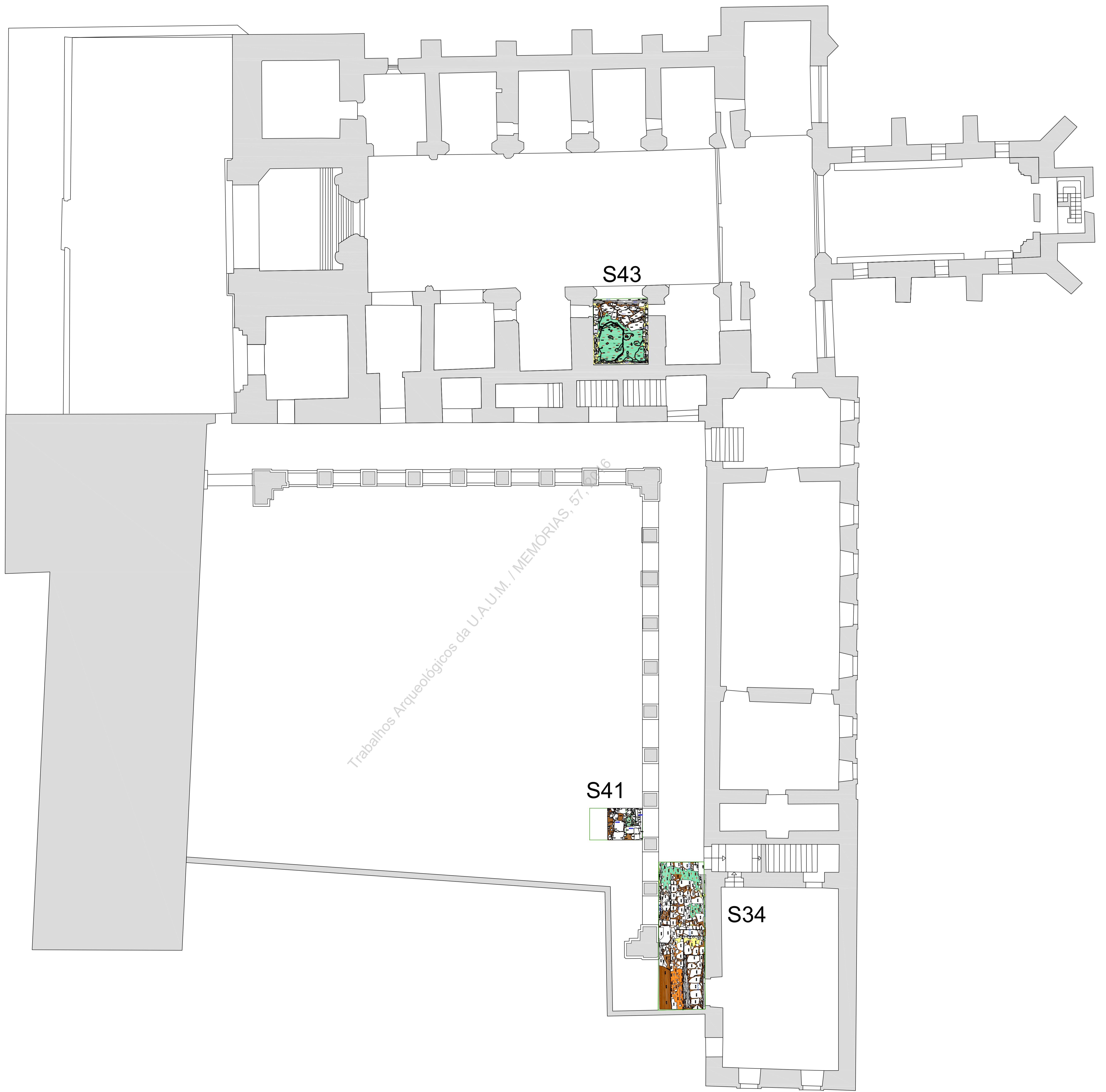


Fig. 1



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2006

Mosteiro de Vilar de Frades
Campanha arqueológica 2002
 Planta com plano de conjunto das estruturas detectadas

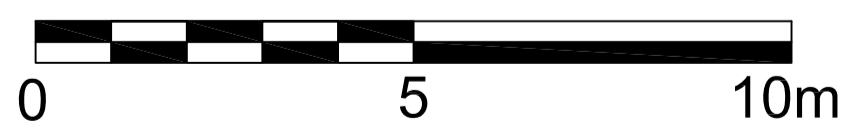
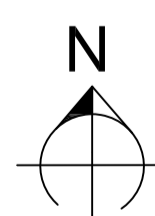
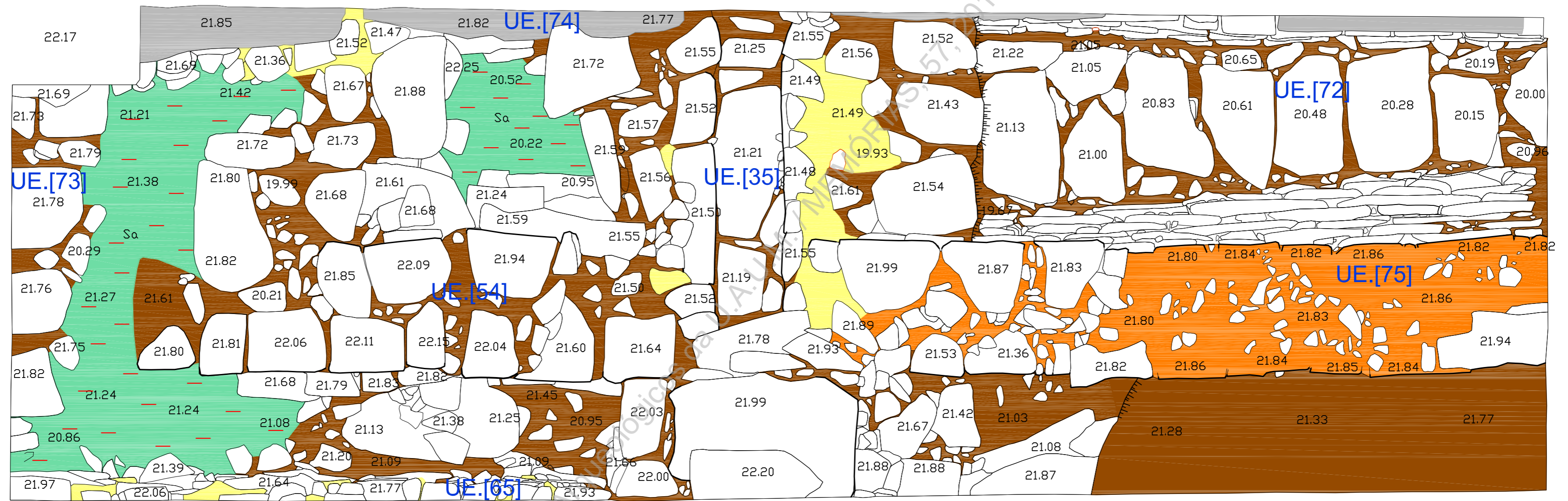


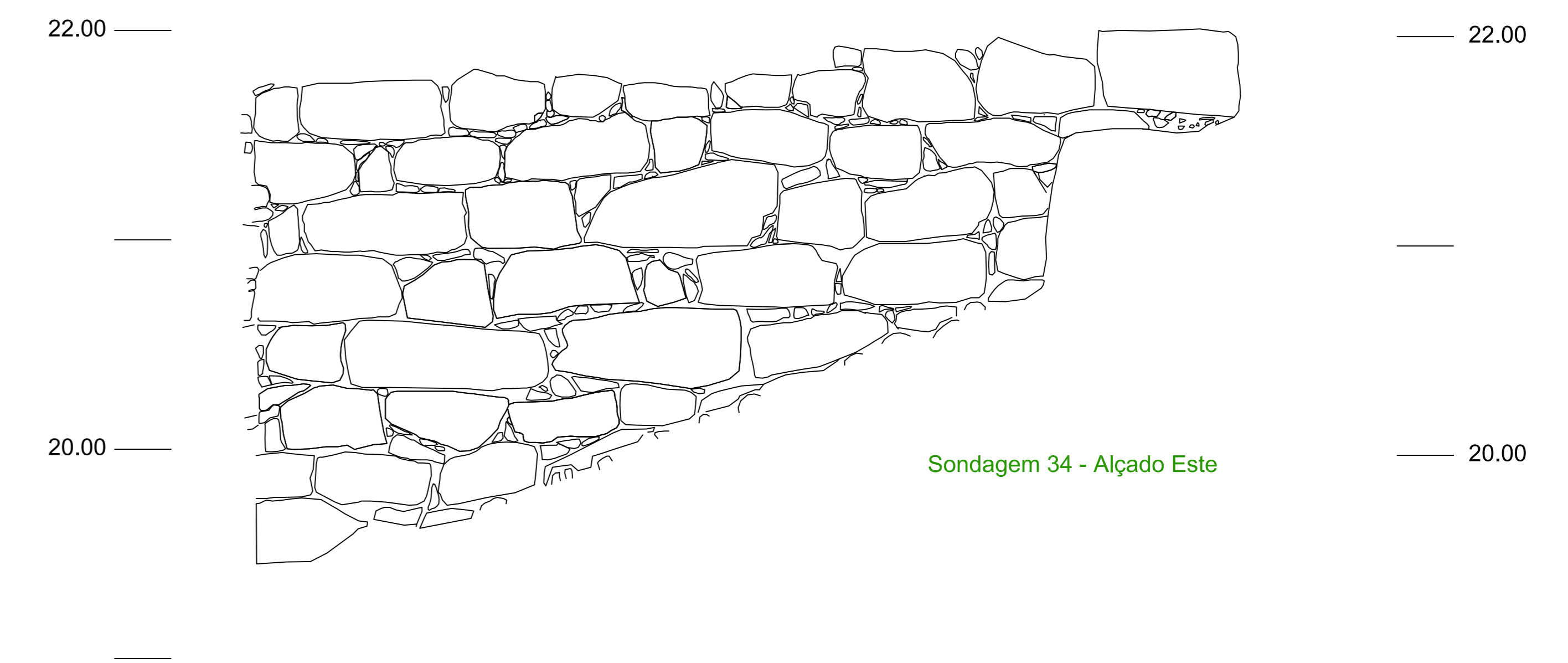
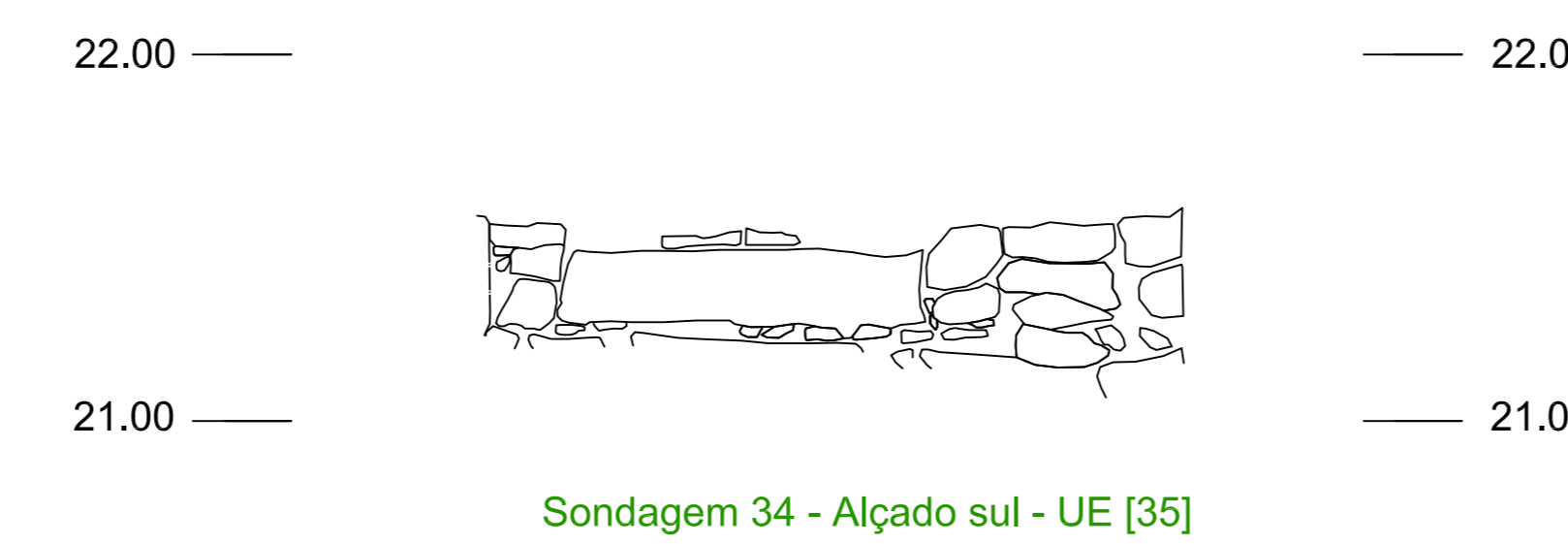
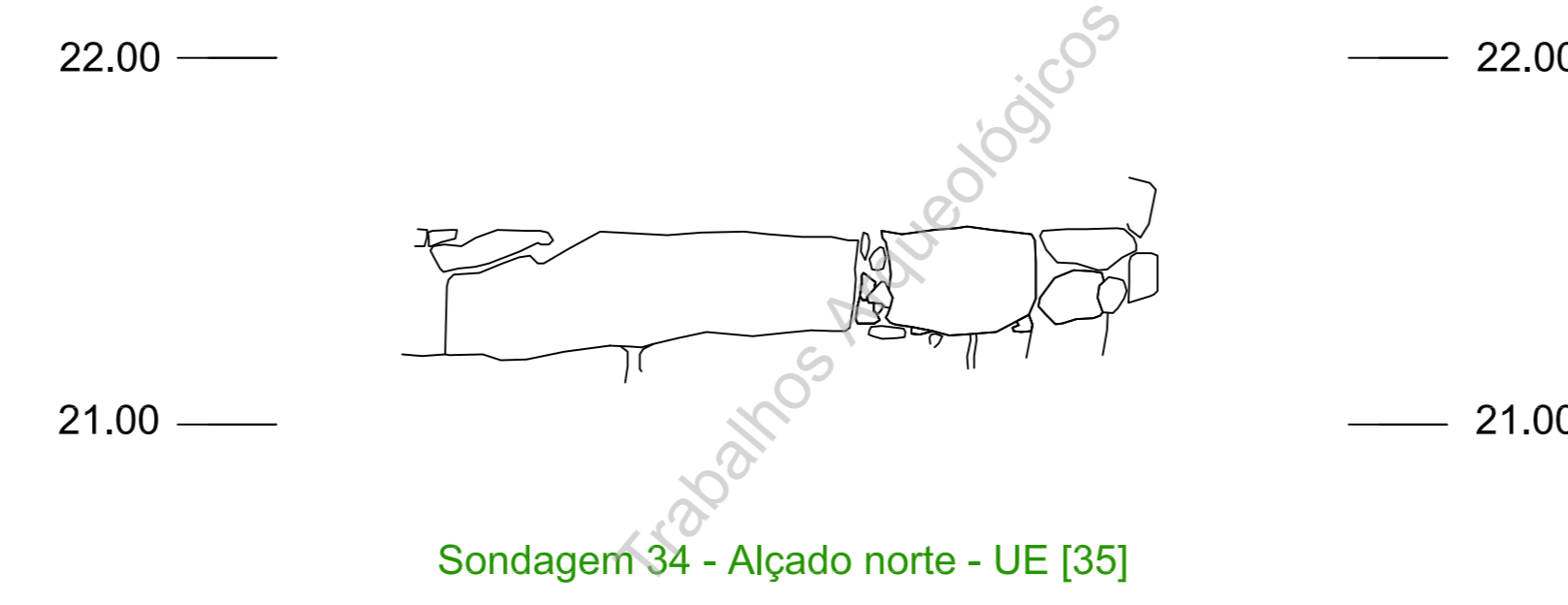
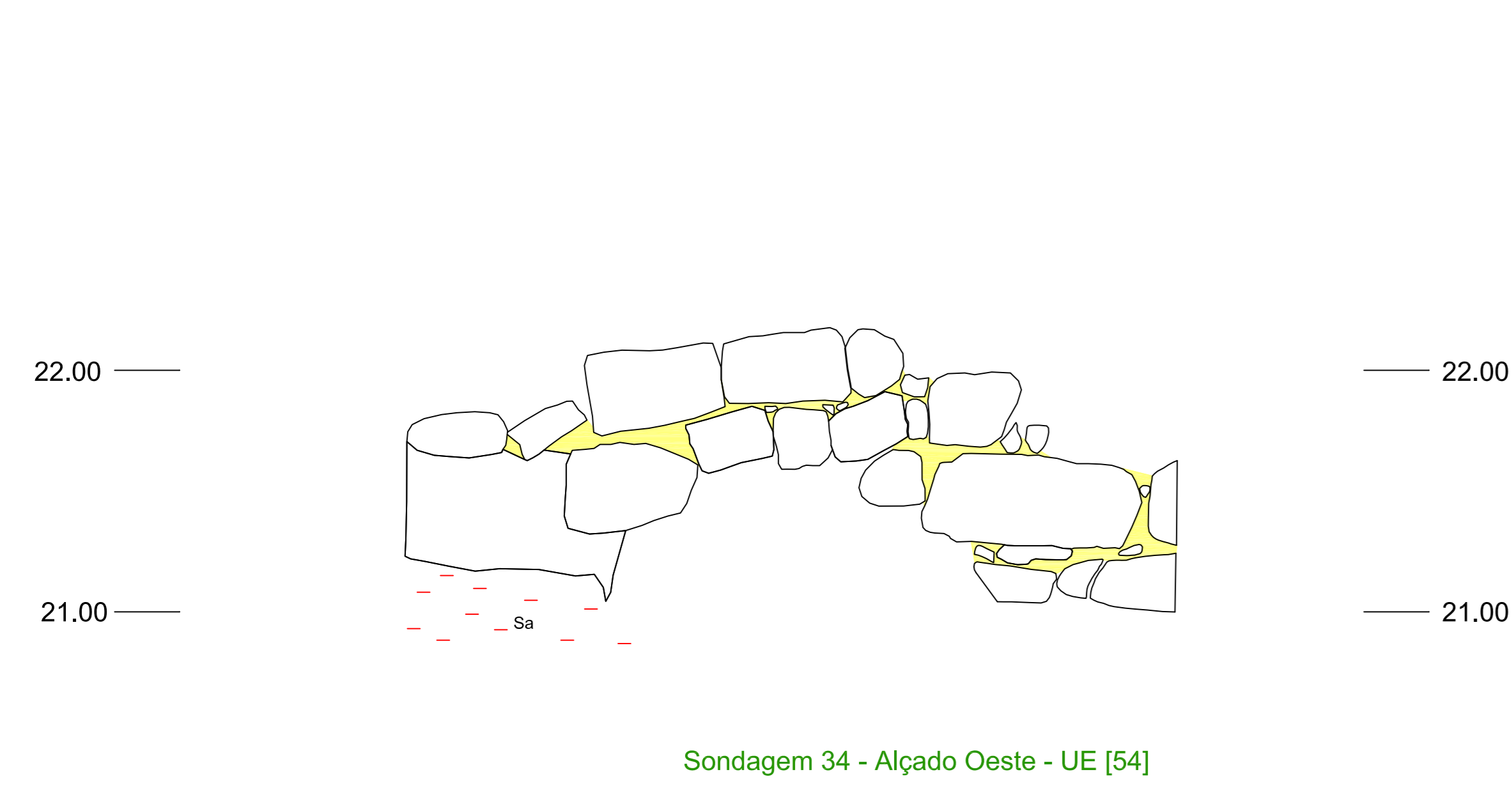
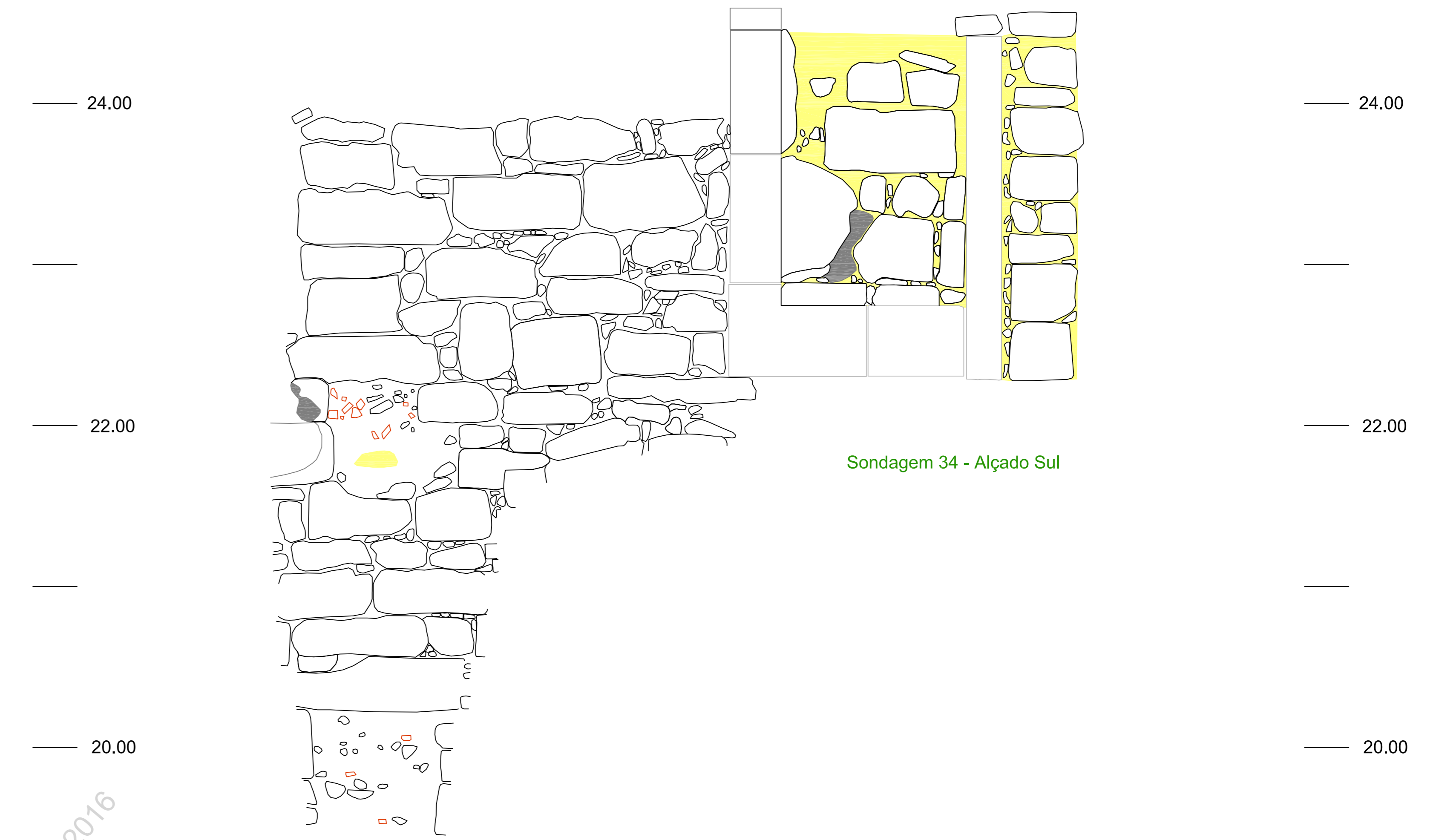
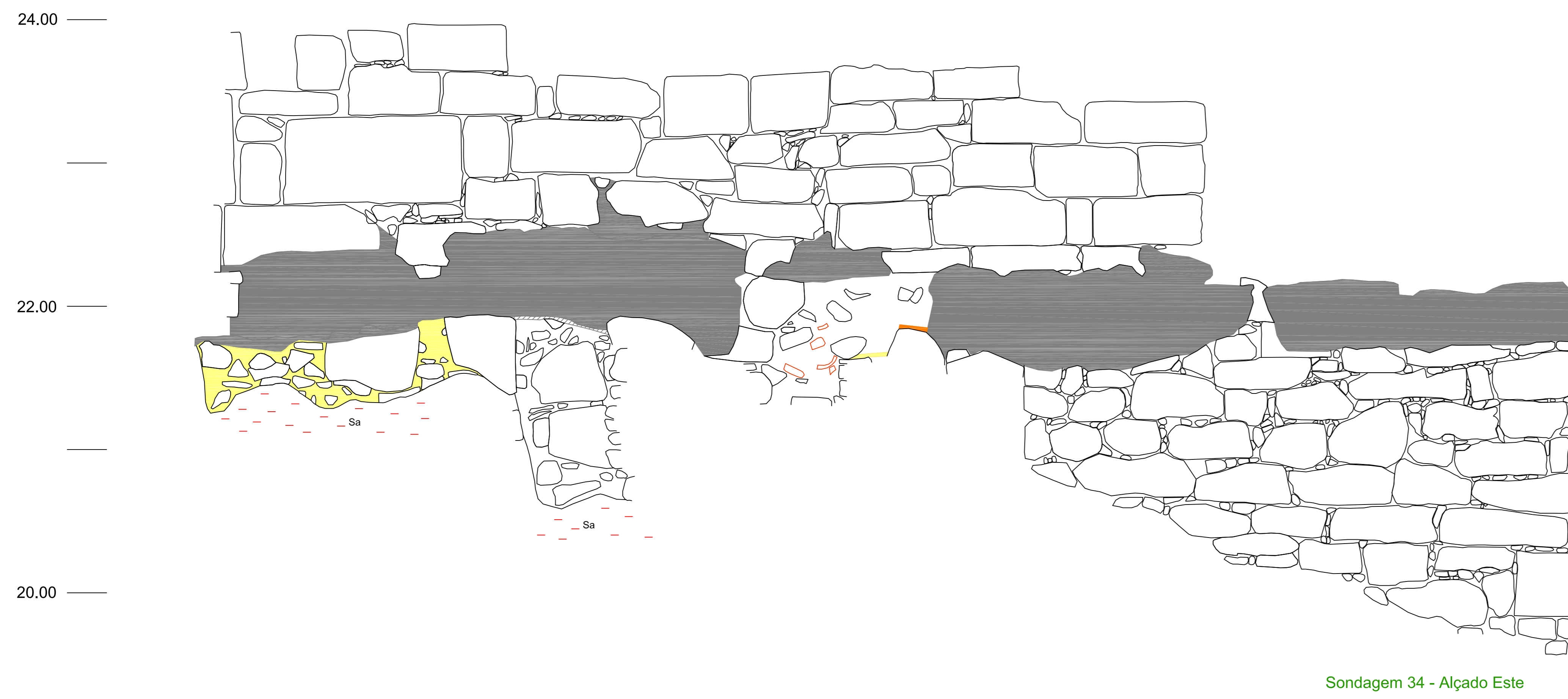
Fig. 2

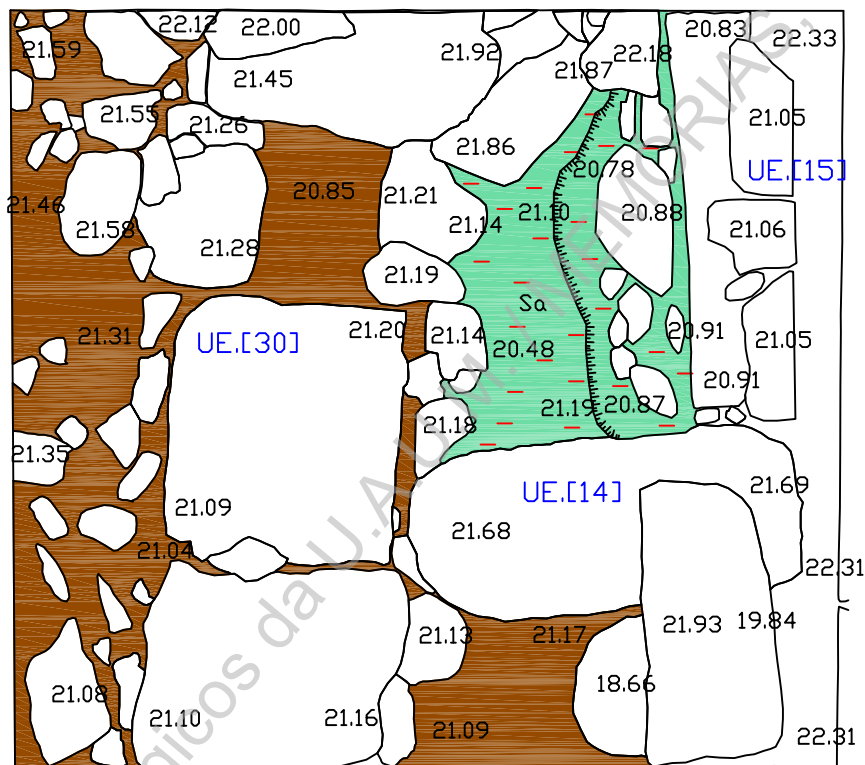


Mosteiro de Vilar de Frades
Campanha arqueológica 2002
 Sondagem 34 - Plano final das estruturas detectadas

0 0.5 1m

Fig. 3





Mosteiro de Vilar de Frades
Campanha arqueológica 2002
 Sondagem 41 Prol. Este - Plano final das estruturas detectadas

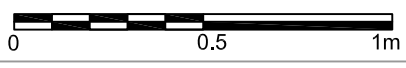
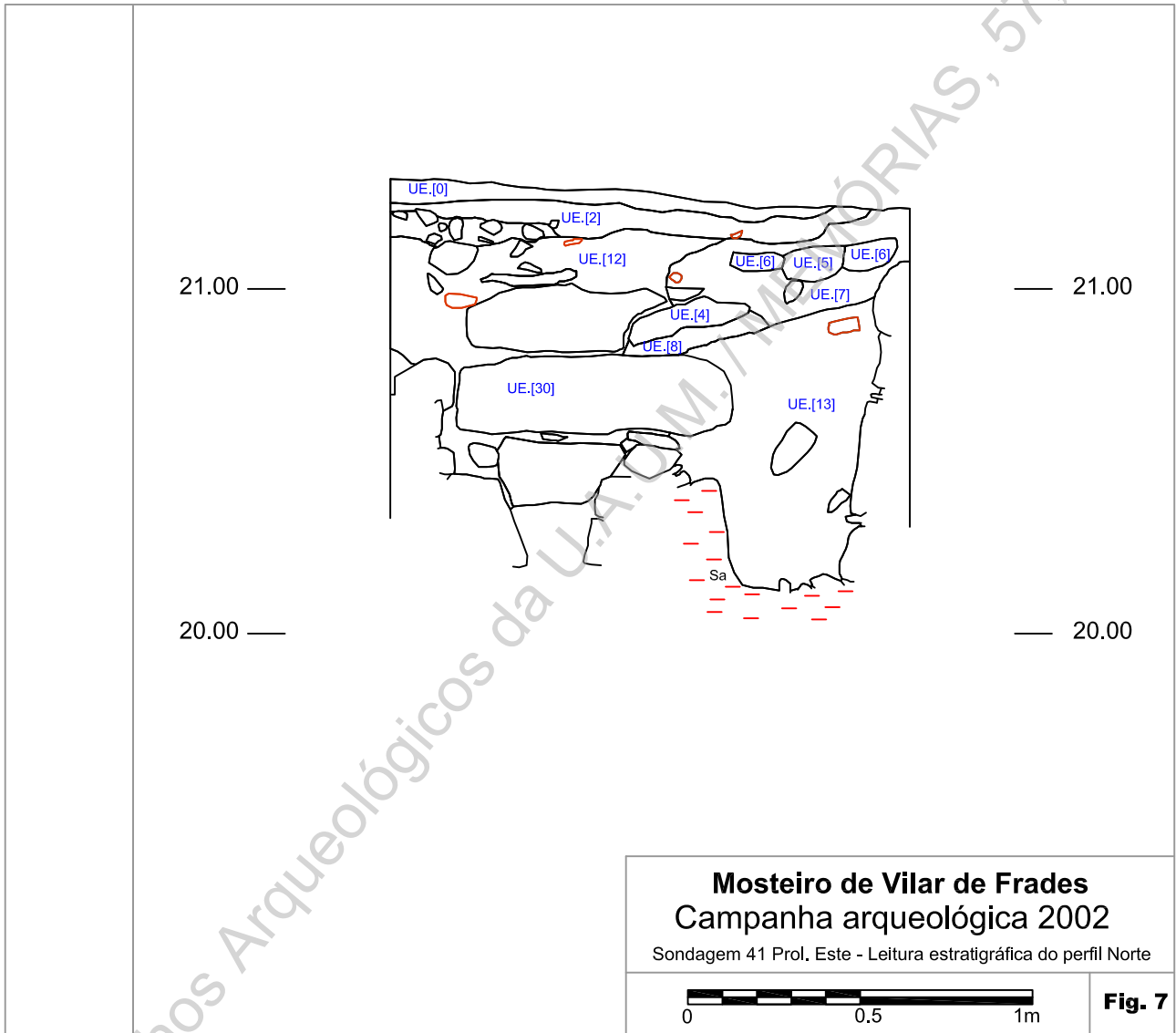
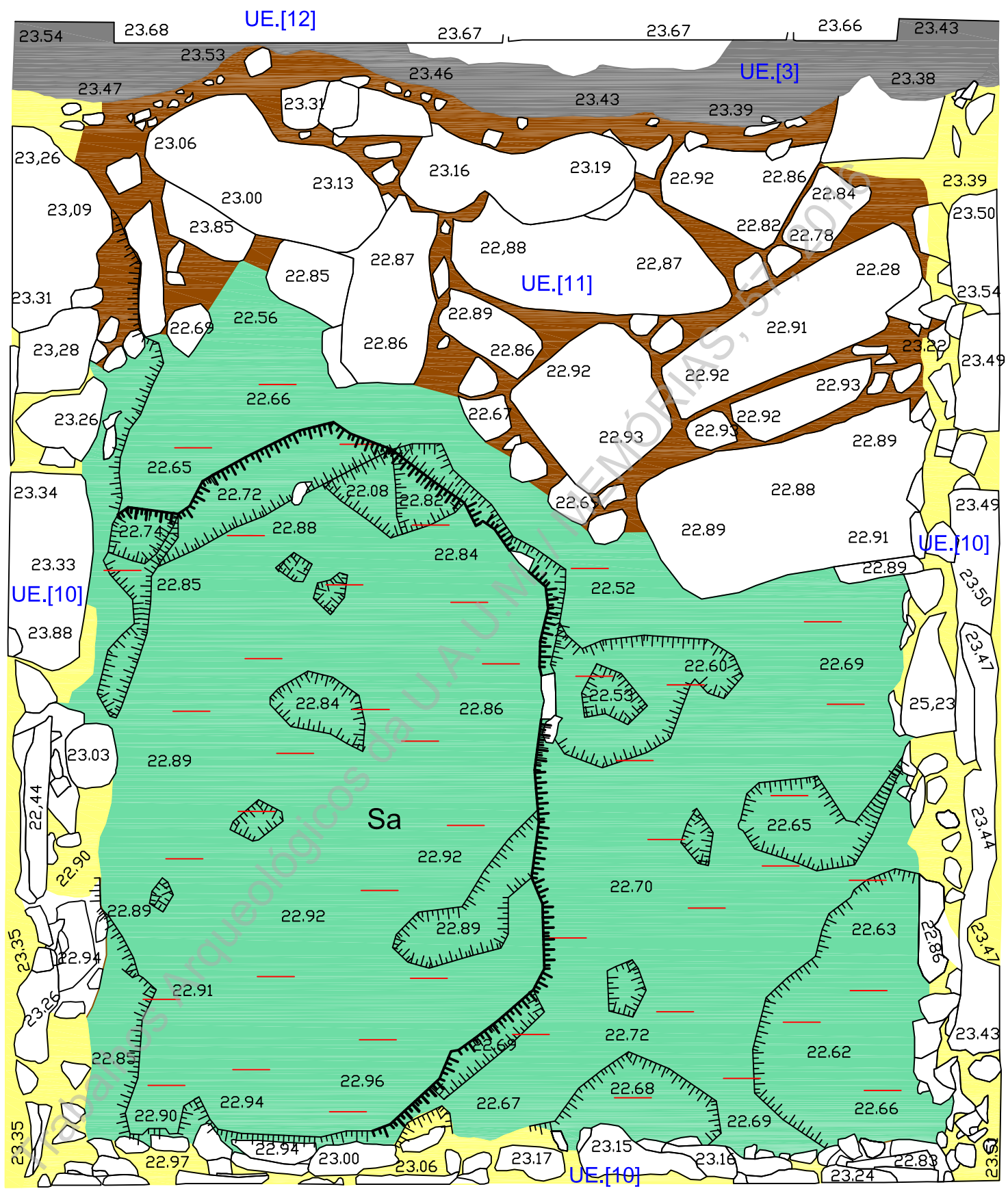


Fig. 6



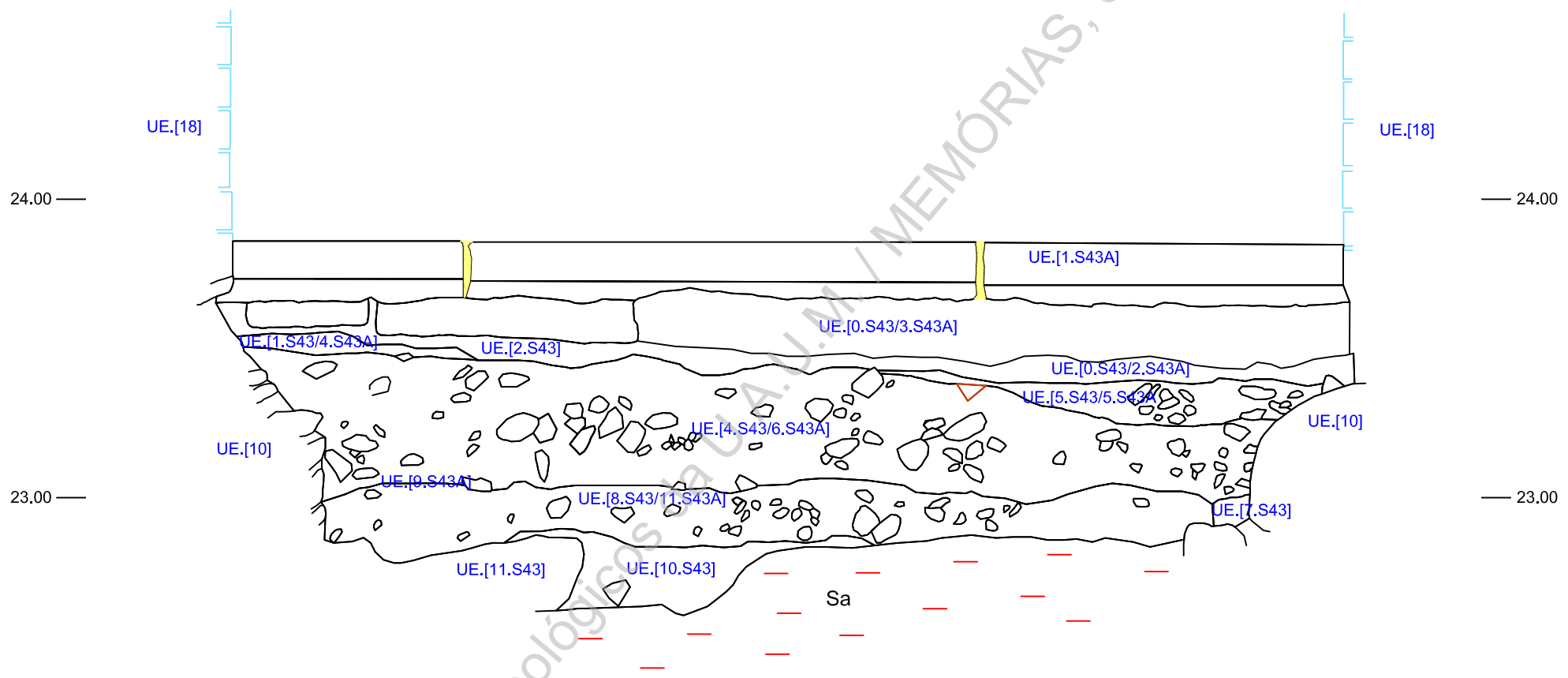


Mosteiro de Vilar de Frades
Campanha arqueológica 2002
 Sondagem 43/43A - Plano final das estruturas detectadas

0 0.5 1m

Fig. 9

Trabalhos Arqueológicos do I.P.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016



Mosteiro de Vilar de Frades
Campanha arqueológica 2002
Sondagem 43/43A - Leitura estratigráfica do corte AA'

0 0.5 1m **Fig.10**

29.00

29.00

27.00

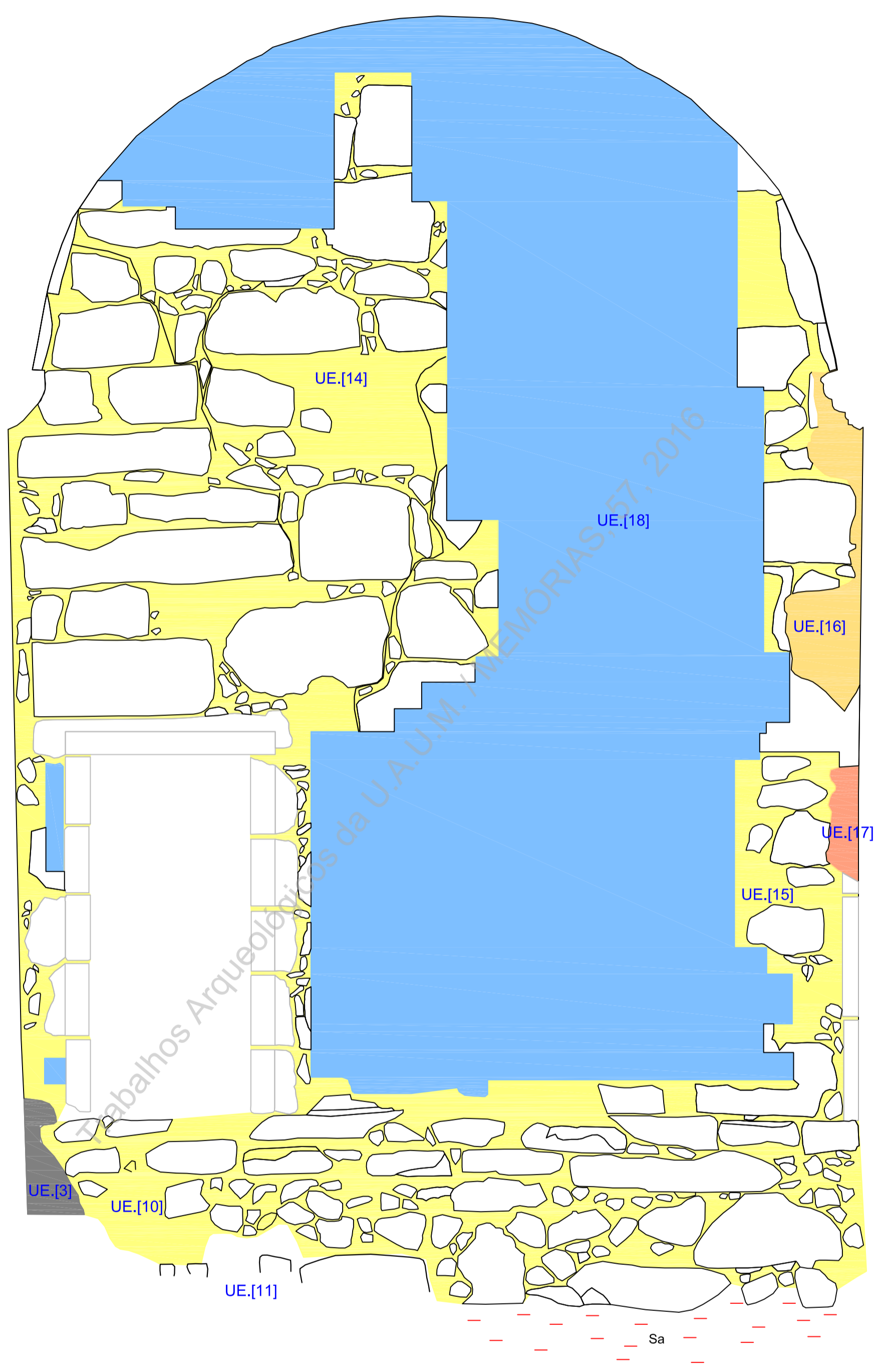
27.00

25.00

25.00

23.00

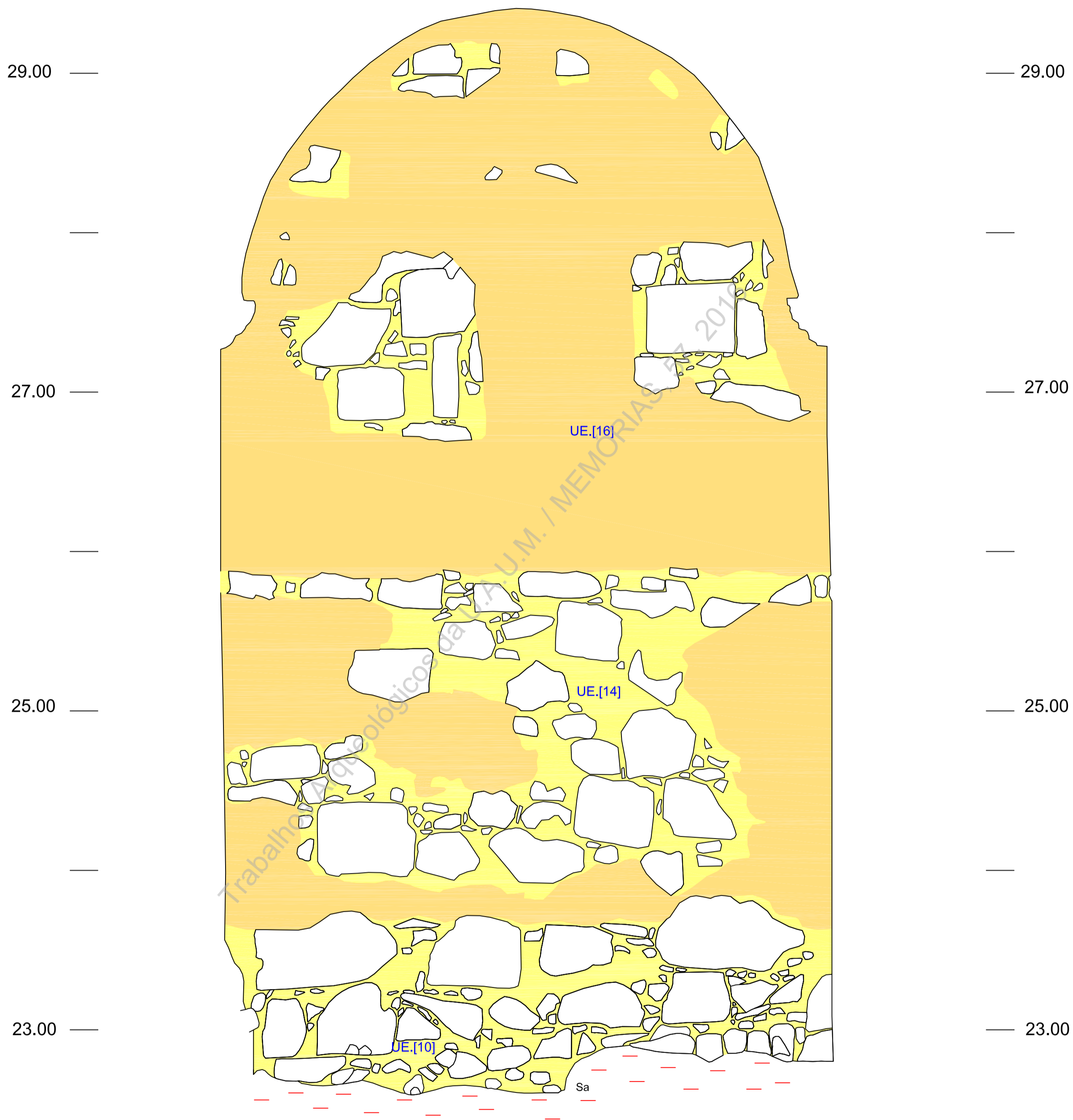
23.00



Mosteiro de Vilar de Frades
Campanha arqueológica 2002
 Sondagem 43/43A - Leitura estratigráfica do alçado Este da capela

0 0.5 1m

Fig.11



Mosteiro de Vilar de Frades
Campanha arqueológica 2002
 Sondagem 43/43A - Leitura estratigráfica do alçado Sul da capela

0 0.5 1m

Fig.12

29.00

29.00

27.00

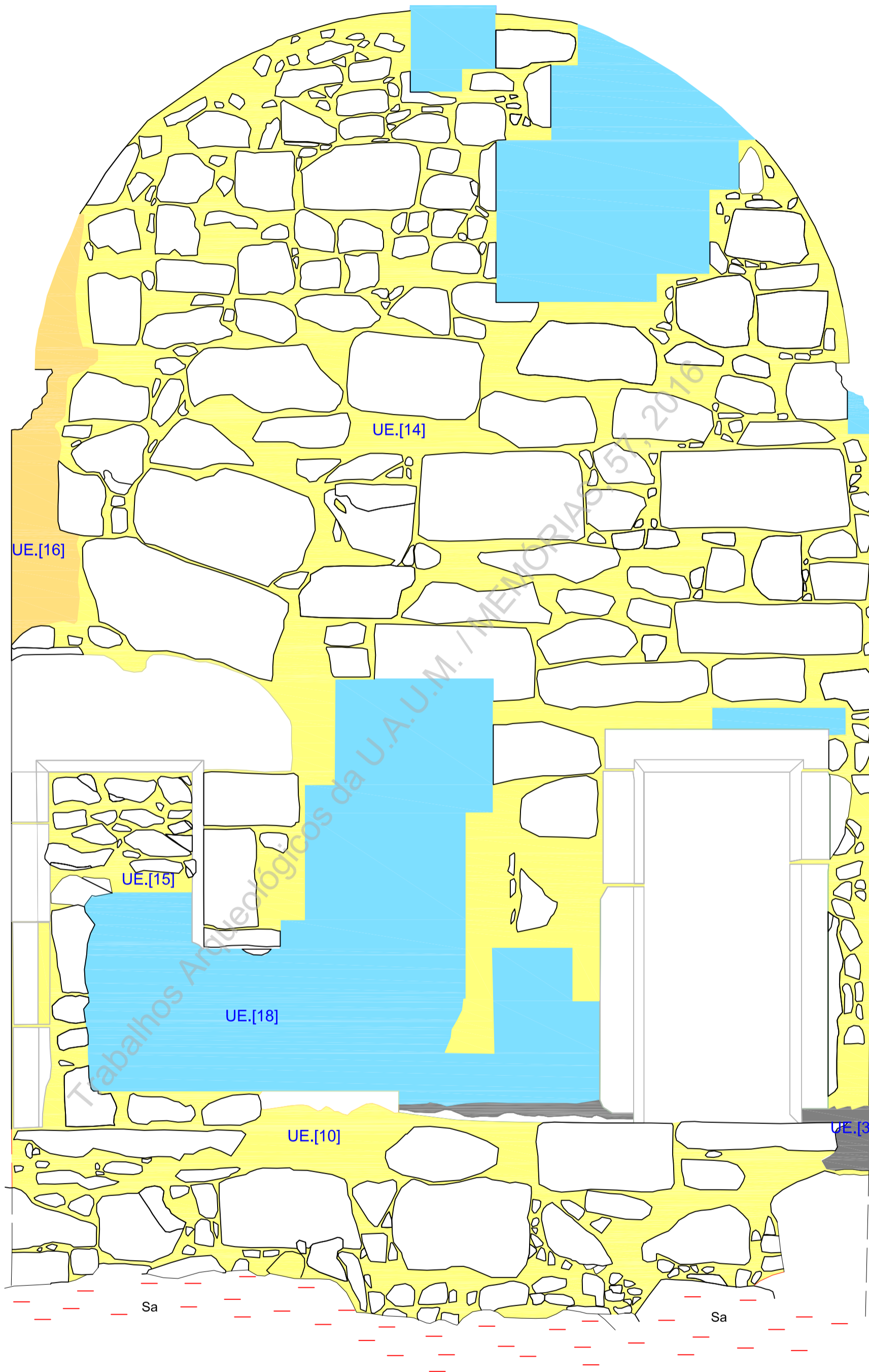
27.00

25.00

25.00

23.00

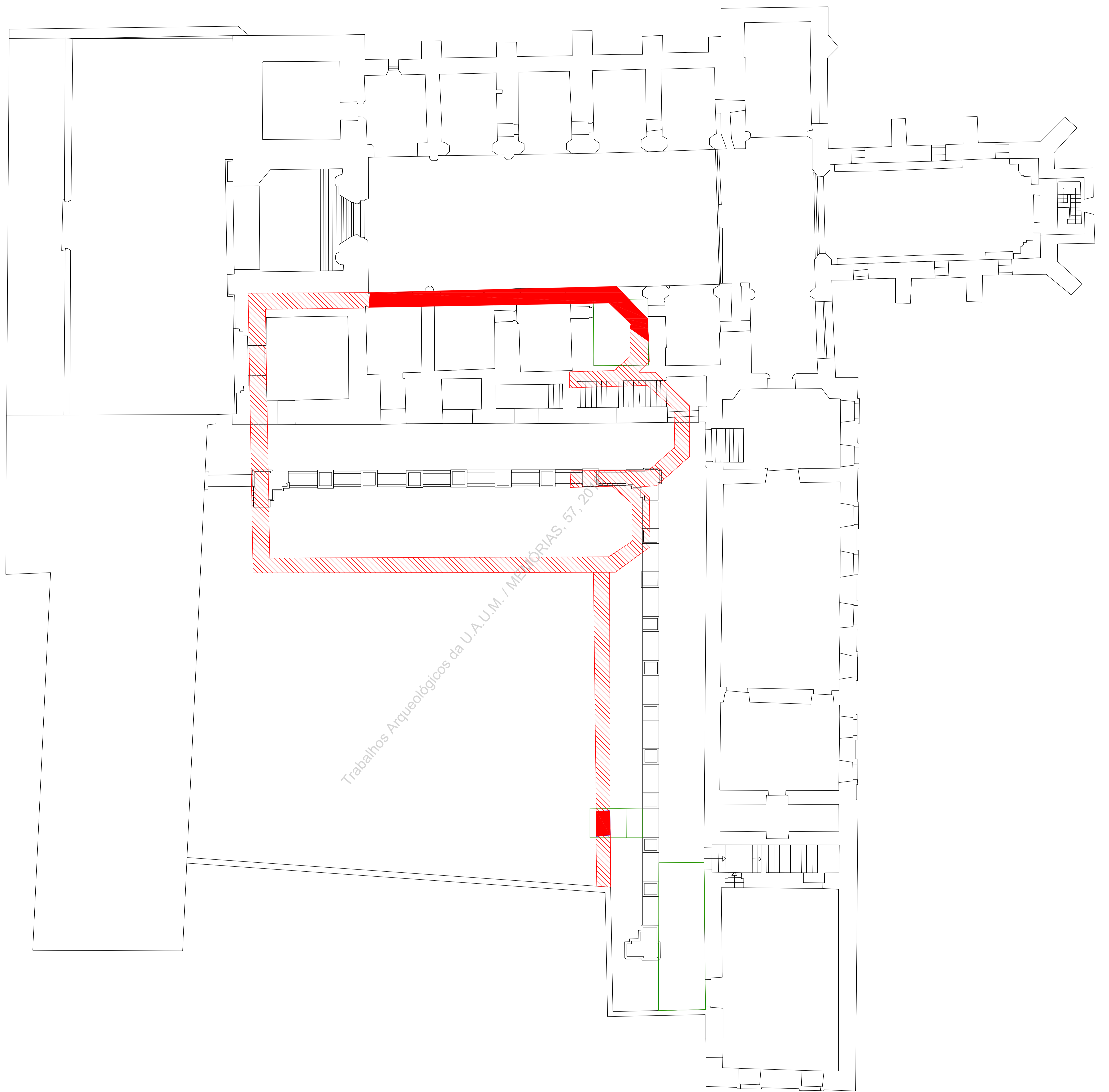
23.00



Mosteiro de Vilar de Frades
Campanha arqueológica 2002
Sondagem 43/43A - Leitura estratigráfica do alçado Oeste da capela

0 0.5 1m

Fig-13



Mosteiro de Vilar de Frades
Campanha arqueológica 2002
Planta com projecção do traçado hipotético da igreja medieval

0 5 10m

N

Fig.15

6.2 – Fotografias

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016



1- Mosteiro de Vilar de Frades – vista da cerca



2- Fachada principal da igreja



3- Sondagem 34 – U.E. [13] – Reinício dos trabalhos (Ref. Neg. 1/6)



4- Sondagem 34 – U.E. [54] – Pormenor da estrutura (Ref. Neg. 3/17)



5- Sondagem 34 - U.E. [54] – Pormenor da estrutura (Ref. Neg. 5/5)



6- Sondagem 34 –U.E.[72] – Pormenor da Nitreira (Ref. Neg. 5/6)



7- Sondagem 34 – U.E. [35] – Aspecto geral da canalização (Ref. Neg. 2/4)



8- Sondagem 34 – Plano Final. Orientação N-S (Ref. Dia. 4/40)



9- Sondagem 34 – Plano Final. Orientação NO-SE (Ref. Dia. 4/41)



10- Sondagem 34 – Perspectiva Geral (Ref. Dia. 4/42)



11- Sondagem 34 – Alçado Este (Ref. Dia. 4/43)



12-Sondagem 34 – Alçado Sul (Ref. Neg. 5/10)



13 – Sondagem 41 Prol. Este – U.E. [0] (Ref. Neg. 1/5)



14- Sondagem 41 Prol. Este – Pormenor estrutura (Ref. Neg. 2/35)



15- Sondagem 41 Prol. Este – Plano Final. Orientação S-N (Ref. Neg. 5/22)



16- Sondagem 41 Prol. Este – Plano Final. Orientação E-W (Ref. Neg. 5/21)



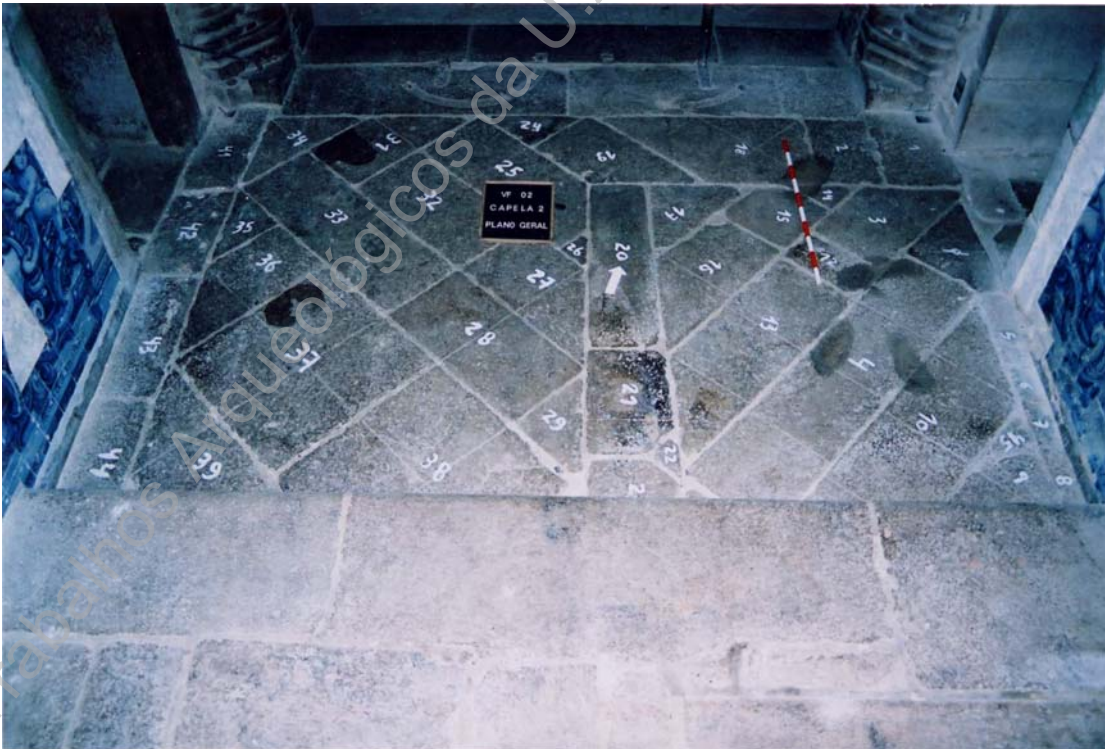
17- Sondagem 41 Prol. Este – Perfil N (Ref. Neg. 4/33)



18- Sondagem 41 Prol. Este – Perfil S (Ref. Neg. 4/31)



19- Sondagem 43 – Perspectiva geral do lajeado (Ref. Neg. 27/32)



20- Sondagem 43 – Pormenor do lajeado (Ref. Neg. 27/30)



21- Sondagem 43 – Após levantamento lajeado (Ref. Neg. 27/27)



22- Sondagem 43 – U.E. [0] (Ref. Neg. 27/28)



23 – Sondagem 43 – Plano final (Ref. Neg. 4/8)



24- Sondagem 43 – Pormenor plano final (Ref. Neg. 4/17)



25- Sondagem 43 – Perfil Sul (Ref. Neg. 4/6)



26- Sondagem 43 A – Perspectiva geral do lajeado (Ref. Neg. 4/2)



27- Sondagem 43 A - U.E. [2] (Ref. Neg. 4/12)



28- Sondagem 43 A – Vala de fundação dos alicerces da capela (Ref. Neg. 4/24)



29- Sondagem 43 A – Plano final (Ref. Neg. 4/29)



30- Sondagem 43 / 43 A – Plano final (Ref. Neg. 5/12)



31- Sondagem 43 / 43 A – Plano final (Ref. Dia. 4/45)



32- Sondagem 43 / 43 A – Alicerce W (Ref. Neg. 5/19)



33- Sondagem 43 / 43 A – Alicerce E (Ref. Neg. 5/17)



34 – Sondagem 43 / 43 A – Alicerce S (vista parcial do alçado S) (Ref. Neg. 5/4)



35- Sondagem 43 / 43 A – Alçado W (Ref. Neg. 5/16)



36 – Sondagem 43 / 43 A – Alçado E (Ref. Neg. 5/18)



37 – Sondagem 34 - Faiança - Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.01)



38 – Sondagem 43A - Faiança - Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.02)



39 – Sondagem 43A - Faiança - Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.03)



40 – Sondagem 34 - Malagueira - Séc. XVII (Ref. Dig.04)



41 – Sondagem 34 - Faiança - Séc. XVII (Ref. Dig.05)



42 – Sondagem 34 - Aparas de azulejo - Séc. XVIII (Ref. Dig.06)



43 – Sondagem 34 - Testo de cerâmica medieval - Séc. XIII / XIV (Ref. Dig.07)



44 – Sondagem 34 - Fragmentos de bilhas medievais - Séc. XIII / XIV (Ref. Dig.08)



45 – Sondagem 34 - Fragmentos de cerâmicas medievais cinzentas - Séc. XIII / XIV (Ref. Dig.09)



46 – Sondagem 34 - Fragmentos de cerâmicas medievais cinzentas – jarro – Séc. XIII / XIV (Ref. Dig.10)



47 – Sondagem 34 - Fragmentos de cerâmicas medievais cinzentas – Séc. XIII / XIV (Ref. Dig.11)



48 – Sondagem 34 - Fragmentos de cerâmicas moldadas - Séc. XV / XVI (Ref. Dig.12)



49 – Sondagem 34 - Fragmentos de bilha de cerâmica medieval - Séc. XIII / XIV (Ref. Dig.13)



50 – Sondagem 34 - Fragmento de pichel - Séc. XIII / XIV (Ref. Dig.14)



51 – Sondagem 43 - Fragmentos de asas de bilhas medievais - Séc. XIII / XIV (Ref. Dig.15)



52 – Sondagem 43 - Fragmentos de bilha medieval - Séc. XIII / XIV (Ref. Dig.16)



53 – Sondagem 34 - Fragmento de bordo com arranque de asa de cântaro tardo-medieval (Ref. Dig.17)



54 – Sondagem 43 - Fragmento de bordo com arranque de asa de cântaro - Séc. XVI / XVII (Ref. Dig.18)



55 – Sondagem 34 - Fragmento de asa de bilha tipo “dos namorados”- Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.19)



56 – Sondagem 34 - Fragmentos de louça comum- Séc. XVII (Ref. Dig.20)



57 – Sondagem 43 - Peça de cerâmica indeterminada - Séc. XIV / XV (Ref. Dig.21)



58 – Sondagem 43 - Fragmento de bilha – cerâmica cinzenta - Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.22)



59 – Sondagem 34 - Fragmento de asa dupla entrançada - Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.23)



60 – Sondagem 43A - Fragmentos de cântaro - Séc. XVI / XVII (Ref. Dig.24)



61 – Sondagem 34 - Fragmentos de cerâmica vidrada plumbíferas - Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.25)



62 – Sondagem 34 - Fragmentos de cerâmica vidrada plumbíferas - Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.26)



63 – Sondagem 34 - Fragmentos de cerâmica vidrada plumbíferas - Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.27)



64 – Sondagem 34 - Fragmento de tigela de cerâmica vidrada plumbífera - Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.28)



65 – Sondagem 34 - Fragmento de tigela vidrada - Séc. XVI (Ref. Dig.29)



66 – Sondagem 34 - Fragmento de fundo de peça vidrada - Séc. XVI / XVII (Ref. Dig30)



67 – Sondagem 43 - Fragmentos de alguidar - Séc. XVII / XVIII (Ref. Dig.31)



68 – Sondagem 34 - Fragmentos de peça de vidro - Séc. XVIII (Ref. Dig.32)



69 – Sondagem 43 - Fragmento de bocal de vidro - Séc. XVIII (Ref. Dig.33)



70 – Sondagem 34 - Fragmento de jarrinha de vidro (Ref. Dig.34)



71 – Sondagem 34 - Fragmento de vidro (Ref. Dig.35)



72 – Sondagem 34 - Fragmentos de vidro verde-gelo (Ref. Dig.36)

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

7.1 – Inventário de espólio

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

ESPÓLIO DA SONDAGEM 43

UE	Lítico	Osso	Metal	Moeda	Vidro	Telha	Telha	Telha	Tijolo	Cerâmica	Cerâmica	Faiança	Cerâmica	Porcelana	Azulejo	Plástico	Outros	Total
						Vermelha	Preta	Vidrada		Vermelha	Preta		Vidrada					
0		1	6	1	7	1,800 Kg				8	5		6					34
2		1	3			0,700 Kg				18	2		3					27
4		4	8	1	2					61		1						77
5		2	3							3	3							11
6					3	0,400 Kg				7	3							13
8		40	18	1	1	7,200 Kg			0,400 Kg	55	3	1						119
10						0,100 Kg				1								1
Total	0	48	38	3	13	10,200 Kg	0	0	0,400 Kg	153	16	2	9	0	0	0	0	282

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

ESPÓLIO DA SONDAGEM 43 A

UE	Lítico	Osso	Metal	Moeda	Vidro	Telha	Telha	Telha	Tijolo	Cerâmica	Cerâmica	Faiança	Cerâmica	Porcelana	Azulejo	Plástico	Outros	Total
						Vermelha	Preta	Vidrada		Vermelha	Preta		Vidrada					
2			1		2	0,400 Kg			7,500 Kg		1	2	1					7
3		3	1		1	1,850 Kg			0,700 Kg			11						16
5			1							3								4
6		3	5	1		0,800 Kg			1,100 Kg	143		1						153
7						0,250 Kg				2								2
8		2				0,700 Kg			0,150 Kg			1	1					4
11		4	11		1	6,700 Kg			1,600 Kg	7	23	2						48
12		1			1	2,500 Kg			0,700 Kg			1						3
13		8				4,400 Kg			0,650 Kg	24	3							35
Total	0	21	19	1	5	17,600 Kg	0	0	12,400 kg	179	27	18	2	0	0	0	0	272

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS 57, 2016

ESPÓLIO DA SONDAGEM 41 PROL. ESTE

UE	Lítico	Osso	Metal	Moeda	Vidro	Telha	Telha	Telha	Tijolo	Cerâmica	Cerâmica	Faiança	Cerâmica	Porcelana	Azulejo	Plástico	Outros	Total
						Vermelha	Preta	Vidrada		Vermelha	Preta		Vidrada					
0			31		29	1,400 Kg												60
2			20		4	0,450 Kg			0,150 Kg	26	6	6	22					84
3			5		1	0,600 Kg			0,950 Kg	71	9	4	20					110
4			3			1,250 Kg			0,750 Kg	7		4	3					17
7									0,225 Kg	1		6		2				9
8			1		5	2,400 Kg			7,100 Kg	18	5	11	7					47
10			1		4	1,700 Kg			0,150 Kg			5	4					14
11					1	0,600 Kg						5						6
12			4		5	0,850 Kg				70	10	48	29					166
13					1	4,250 Kg			4 Kg	3		4	3					11
Limp.			3			0,700 Kg				10	1		4					18
D. Perfl N.		65			1								41					107
Total	0	65	68	0	51	14,200 Kg	0	0	13,325 Kg	206	31	93	133	0	2	0	0	649

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

ESPÓLIO DA SONDAGEM 34

UE	Lítico	Osso	Metal	Moeda	Vidro	Telha	Telha	Telha	Tijolo	Cerâmica	Cerâmica	Faiança	Cerâmica	Porcelana	Azulejo	Plástico	Outros	Total
						Vermelha	Preta	Vidrada		Vermelha	Preta		Vidrada					
10		46	7		6	1,350 Kg			2,050 Kg	60	14	8	8					149
11		4	1		1	1,200 Kg			3 Kg	19	8	1						34
13		4	27		54	0,300 Kg			0,550 Kg	116	2							203
14			2		8	0,950 Kg			0,100 Kg	47	6	1	6					70
15		1	5		5	5,700 Kg			11,100 Kg	115	16	13	12					167
16		2	6			1,450 Kg			0,150 Kg	101	14	5	2					130
17					2	0,700 Kg			0,700 Kg	24			5					31
18		25	9		21	3,800 Kg			6,985 Kg	170	26	45	57					353
19											1							1
20			1		2	1,750 Kg				55	8	2						68
21			5		4	0,525 Kg				17			2					28
22			4			1,160 Kg			0,50 Kg	70	22		14					110
23					1	3,250 Kg				21	1	2						25
24						5,700 Kg				45	2							47

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

25	5	7	2	8,300 Kg	7,150 Kg	64	3	13	12	106
26		1	4	2,800 Kg	1,650 Kg	30	7	5	5	52
27				0,300 kg		2		1		3
28				0,900 Kg		5	2			7
30				1 Kg	0,350 Kg	37	3	1		41
31			1	0,950 Kg		4	10		4	19
32				0,500 Kg			1			1
33	8		3	1 Kg	0,450 Kg	35	5	11	12	74
34	2	10				6	1	2	2	23
36				0,350 Kg		1	1			2
37			1			1				2
38				0,300 Kg		3	1			4
40			1	0,250 Kg	0,250 Kg	8	2			11
41						2				2
42		3		0,200 Kg		32	9			44
43		24	25	8,500 Kg	0,250 Kg	260	62	8	22	401
45			1	0,250 Kg		10	4	3	2	20
46			1	0,50 Kg		5	2			8
47				0,750 Kg	1,500 Kg	14	2			16

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

48		7		10	1,300 Kg				43	19		6					85	
49					1,950 Kg				4	4							8	
51	10		1	1	21,900 Kg			112,70 Kg	65	20	5	5					107	
56	1				0,250 Kg			0,550 Kg	13	2	1						17	
59					0,700 Kg				9	11		1					21	
61					0,50 Kg			1,150 Kg	1								1	
62		1			0,700 Kg				10	10							21	
63					0,400 Kg			0,50 Kg	18	1	1						20	
66					0,750 Kg			3,100 Kg									0	
67					0,350 Kg			0,350 Kg	15	16	1	3					35	
70					0,700 Kg			1,100 Kg	7	3		1					11	
71					2 Kg			7 Kg	31	35		1					67	
72				5													5	
Total	0	108	120	1	159	87,385 Kg	0	0	163,185 Kg	1595	356	129	182	0	0	0	0	2650

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

7.2 – Lista de espólio em tratamento

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

7.3 – Exemplar do relatório em CD-ROM

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016

7.4 – Fotocópias desenhos de campo

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 57, 2016